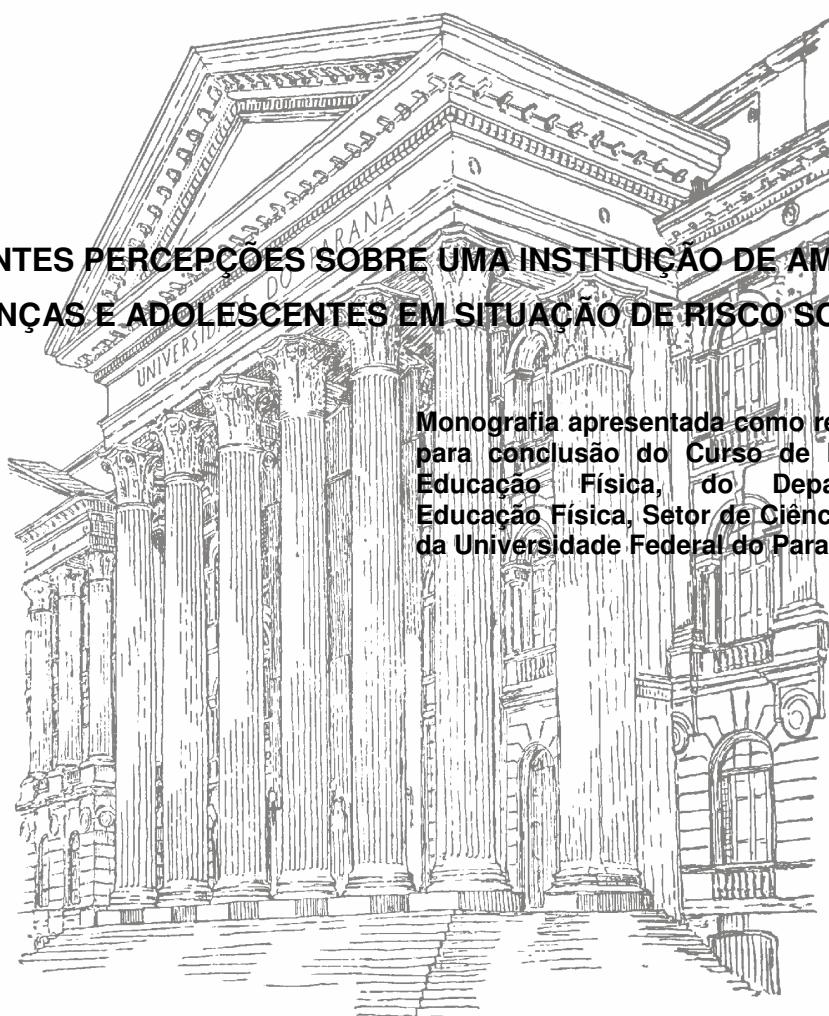


NILSON COCHINSKI

**DIFERENTES PERCEPÇÕES SOBRE UMA INSTITUIÇÃO DE AMPARO À
CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RISCO SOCIAL**

Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do Curso de Licenciado em
Educação Física, do Departamento de
Educação Física, Setor de Ciências Biológicas,
da Universidade Federal do Paraná.



CURITIBA

2008

NILSON COCHINSKI

**DIFERENTES PERCEPÇÕES SOBRE UMA INSTITUIÇÃO DE AMPARO À
CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RISCO SOCIAL**

**Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do Curso de Licenciatura em
Educação Física, do Departamento de
Educação Física, Setor de Ciências Biológicas,
da Universidade Federal do Paraná.**

PROFESSOR DR. SÉRGIO LUIZ CARLOS DOS SANTOS

Às crianças, que refletem a esperança e
dão significado à luta por um mundo mais
humano.

Dedico

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus autor da vida, à Ele toda honra e glória.

Ao meu pai e colega de trabalho pelas “lições” que recebi ao longo dessa vida e minha mãe, pela ternura e compaixão, que juntos permitiram eu conciliar horas de trabalho com horas de estudo, mesmo sendo filho e “sócio”.

Aos meus irmãos Arilson e Edenilson sempre parceiros em meus projetos de vida.

À minha noiva Kellen que sempre me apoiou e deu forças para continuar o trabalho, mesmo tendo que abrir mão de nossos momentos juntos.

Aos meus familiares: tios(as), primos(as), cunhadas, avôs e avós, enfim todos aqueles que de forma direta ou indireta ajudaram-me.

A todos meus amigos e parceiros pastorais da Paróquia Menino Deus especialmente aos amigos através da banda: Paulinho e Fernanda, Paulo e Franciele, Ney e Fabiana.

A todos meus amigos de vinte e poucos anos que também fazem parte da minha vida.

Aos mestres que ao longo da minha vida em escolas públicas ensinaram-me muito mais que fórmulas e conceitos mas também valores que carrego até hoje.

Aos professores dessa instituição acadêmica pela construção do conhecimento. Principalmente aos amigos e orientadores Sérgio Abrahão e Sérgio Santos (fase final).

Aos funcionários da Fundação Iniciativa que permitiram a realização desse trabalho.

*“Educai as crianças para que não seja
necessário punir os adultos”*

Pitágoras

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	vi
LISTA DE FIGURAS	vii
RESUMO.....	viii
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA.....	1
1.2 JUSTIFICATIVA	3
1.3 OBJETIVO GERAL	4
1.3.1 Objetivos Específicos	4
2 REVISÃO DA LITERATURA	5
2.1 INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA – VARIAÇÕES CONCEITUAIS	5
2.2 CRIANÇAS DE RUA - CRIANÇAS NA RUA	8
2.3 DADOS ESTATÍSTICOS DA CRIANÇA NO BRASIL.....	11
2.4 HISTÓRICO DO ASSISTENCIALISMO À CRIANÇA NO BRASIL.....	14
2.4.1 Assistencialismo no Período Colonial.....	14
2.4.2 Assistencialismo no Período Imperial.....	16
2.5 A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO MEIO DE SOCIALIZAÇÃO.....	16
3 METODOLOGIA	21
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	21
3.2 PARTICIPANTES.....	22
3.3 INSTRUMENTOS.....	22
3.4 PROCEDIMENTOS.....	23
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFÊRENCIAS.....	31
ANEXOS	35

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - NÚMERO DE POBRES E INDIGENTES E PROPORÇÃO DA POPULAÇÃO TOTAL	12
TABELA 2 - COMPARAÇÃO DAS RESPOSTAS ÀS QUESTÕES COMUNS ÀS ENTREVISTADAS	24

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - PORCENTAGEM DE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DESFAVORÁVEL PARA O DESENVOLVIMENTO	13
---	-----------

RESUMO

DIFERENTES PERCEPÇÕES SOBRE UMA INSTITUIÇÃO DE AMPARO À CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RISCO SOCIAL

O presente trabalho busca demonstrar o cotidiano de uma casa de amparo à crianças e adolescentes em situação de risco social e a sua importância tanto para funcionários (mãe social) como para os assistidos. Para tanto, foram realizadas entrevistas com pautas com uma criança assistida pela casa, uma adolescente que está em processo de desligamento da casa e com uma mãe social. O modelo de atendimento (Casa-Lar) abriga um número reduzido de crianças (no máximo dez) sob a tutela de um casal, chamados “pais sociais”. Os assistidos permanecem em caráter provisório até a reestruturação de sua família, até serem adotados ou até atingirem idade suficiente para o encaminhamento à outras instituições específicas. O atendimento prestado com acompanhamento médico-psicológico, as rotinas que são submetidas, a escola e o convívio social, inserem a criança em um contexto ímpar. Os assistidos são, na maioria, afastados do convívio familiar devido a situação de risco social – entende-se como situação de risco social a exclusão das principais políticas públicas como educação, saúde, habitação, abastecimento e saneamento, ou em muitos casos à todas elas. A casa lar faz parte, com outras quatro casas, da Fundação Iniciativa que trabalha em conjunto com os órgãos responsáveis pela proteção da infância e adolescência na cidade de Curitiba. Os depoimentos coletados de dois assistidos e de uma mãe social demonstram que, apesar de almejem uma família definitiva (seja a biológica ou adotiva), as crianças da casa sentem-se satisfeitas com a rotina que vivem e demonstram um forte envolvimento afetivo com os que convivem. Em relação à educação, as crianças freqüentam escolas públicas, comumente estão atrasadas em relação a idade. Entretanto, depositam na educação a oportunidade de um futuro melhor.

Palavras chaves: Instituição de amparo, Educação, Risco Social.

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

A desigualdade social sempre foi uma característica marcante em nosso país desde o seu período colonial. O acentuado degrau entre os mais ricos e os menos favorecidos resulta de uma série de fatores excludentes e discriminatórios. Desde a falta, ou ineficácia, de políticas públicas de base, como educação, saúde, segurança e redistribuição de renda até a cultura discriminatória que não dá possibilidade de promoção sócio-econômica.

No contexto que aponta para o aumento das extremidades sócio-econômicas (o rico fica cada vez mais rico e o pobre ainda mais pobre) surge um sem número de mazelas sociais que agrava tal quadro. O desemprego, o analfabetismo, o abandono, o crime, a violência são todos frutos da nossa sociedade que dá as costas para aqueles que mais precisam, formando assim a mais cruel forma de violência social: a exclusão (MILANI,1999).

Inseridos na base dessa pirâmide social, muitas crianças nascem em meio à violência familiar, à exclusão ao estudo, às drogas, ao trabalho infantil, enfim, em contextos sociais muito aquém do ideal para um desenvolvimento humano digno e cidadão. A vivência nesse meio sugere uma situação de risco social. De acordo com COSTA (1990) apud PANUNCIO (1995 p. 22) situação de risco define-se pela exclusão às políticas públicas básicas: educação, saúde, habitação, saneamento e abastecimento. Neste sentido, traduzem-se por risco situações como abandono, maus tratos, negligência, não acesso a serviços adequados de saúde e educação, vivência de rua. Entende-se que a situação vivência de rua, quando configurada, independente de suas causas, reúne a exclusão sistemática a todas essas políticas. No Brasil o descaso com as questões pertinentes à criança e ao adolescente, historicamente se deu pelo fato das sociopatias em geral serem consideradas como consequência de um baixo desenvolvimento econômico, ao invés de causas. FREITAS, 1999 descreve sucintamente tal processo:

(...) a infância como questão pública, assim como a escola e a saúde etc., cada vez mais tem sido considerada um dado subordinado ao tema desenvolvimento, de modo que, ao se considerar que os poderes governamentais estão incapacitados para gerir

e fomentar o desenvolvimento econômico, retira-se, paulatinamente, dos mesmos poderes a obrigação de pensar aqueles temas como questão de Estado.

O Artigo 132 do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA – prevê que todos os municípios tenham ao menos um Conselho Tutelar para assegurar o cumprimento das leis que compõem o estatuto (ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, 1990). Contudo, estima-se, que em todo Brasil cerca de 1500 municípios não possuem Conselho (AGÊNCIA BRASIL, 13 de Abril de 2007). Curitiba conta com nove Conselhos Tutelares que se encarregam de fiscalizar se crianças e adolescentes têm seus direitos e deveres assegurados. Porém, a fiscalização, muitas vezes, torna-se ineficaz frente à impunidade ou falta de opções em casos extremos. A remoção da criança do meio familiar nem sempre é a melhor alternativa, sendo que, muitas vezes, são abrigadas em instituições com alta densidade demográfica, com um atendimento pífio e insuficiente que freqüentemente atenta apenas para o cuidado biológico, fornecendo alimentação e abrigo, mas ignorando o desenvolvimento humano de maneira mais ampla (aspectos educacionais, sociais, etc.).

Esse modelo de instituição de amparo arrasta-se desde a Idade Média quando crianças eram “doadas” aos mosteiros na esperança de que tivessem uma formação melhor da que receberiam se fossem criadas pelos pais camponeses. Na Idade Moderna tal prática tornou-se usual e foi aperfeiçoada dando origem à Roda dos Expostos¹ que teve vida longa, sobretudo no Brasil (MARCILIO, 1999 p. 51-55)

Nas últimas décadas, algumas instituições de amparo a crianças e adolescentes vêm inovando a forma de atendimento, buscando formas de assistência menos traumáticas e mais socializadoras. A abertura de suas portas para a sociedade, buscando parcerias e desmistificando a imagem negativa resultante do histórico descaso, tem atraído a participação da sociedade e esboçado uma nova forma de inserção social de seus assistidos. Uma das alternativas adotadas na cidade de Curitiba é a formação de “Famílias Sociais” nas quais crianças de 03 a 12 anos moram em uma casa sob a tutela de um casal, buscando assim reconstruir um ambiente familiar onde a criança receberá o apoio necessário para a sua reintegração social, educacional e psicológica. Além dos “pais sociais” o

¹ Encontra-se na literatura diferentes termos para ditas instituições. Ademais de “Roda dos expostos” costuma-se encontrar “roda dos enjeitados” ou “roda dos excluídos”. (MARCILIO, 1999)

atendimento é contemplado por uma equipe de psicólogos, pedagogos, assistentes sociais e outros funcionários. Nessas famílias sociais, a criança permanece em caráter temporário até que a sua família biológica reconstitua os aspectos familiares, até ser adotada por uma nova família (caso seja essa a decisão judicial), ou ainda, até contemplar a idade limite e ser transferida à outra instituição com atendimento à idade específica.

A instituição a ser estudada, a Fundação Iniciativa, é uma instituição sem fins lucrativos que atende crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica. Esse trabalho realiza-se em parceria com os órgãos competentes (Conselho Tutelar, Fundação de Ação Social, além de outros). A Fundação subsidia quatro casas, essas casas (denominadas Casas-Lares) atendem no máximo 10 crianças, simultaneamente. Preza-se também pela manutenção de grupos biológicos (irmãos) para que apesar de afastados dos pais não percam os laços fraternos, visando um possível retorno à família biológica. A reintegração social dá-se através do contato com a comunidade através das escolas municipais, da vizinhança, voluntários ou de grupos sociais específicos como comunidades religiosas.

As rotinas a que são submetidos os assistidos, junto com seus anseios e carências, traçam um perfil ímpar ao de outras crianças. Com isso, surge o problema norteador deste trabalho: **como as crianças e os envolvidos das casas-lares assistidas pela Fundação Iniciativa compreendem as rotinas a que são submetidas?**

1.2 JUSTIFICATIVA

A publicação de artigos e trabalhos que abordam o atendimento de instituições de amparo às crianças e adolescentes em situação de risco social vem aumentando nas últimas décadas, entretanto, a complexidade, a constante renovação e as múltiplas possibilidades de abordagens do tema o tornam uma fonte inesgotável de investigação. A pesquisa torna-se ainda mais relevante à medida que servirá como subsídio ou estímulo para acadêmicos, professores, assistentes sociais, enfim, todo o universo envolvido com o trabalho com crianças e adolescentes em instituições de amparo. Tendo em vista que crianças e adolescentes, mesmo em instituições de amparo, na sua maioria freqüentam

escolas, qualquer profissional da educação, inclusive da educação física, está sujeito à delicada situação de trabalhar com esse grupo.

Ao longo da minha formação acadêmica nunca coloquei como objeto de estudo instituições de amparo, apesar de sempre estar envolvido com estudos sobre questões sociais. E a partir do contato informal (não acadêmico) que tive com a instituição estudada, pude perceber que se faz necessário um maior envolvimento do meio educacional em buscar melhorar tal contexto. Contudo creio que ainda há muito a ser desenvolvido no âmbito de políticas públicas voltadas à criança e ao adolescente em situação de risco, por isso, o mapeamento de seus anseios e necessidades pode, e muito, vir a colaborar com futuras publicações e programas.

1.3 OBJETIVO GERAL

Apresentar o contexto de uma Casa-Lar, mantida pela Fundação Iniciativa, através de depoimentos de funcionários e assistidos, nos aspectos sociais, educacionais e de atividades físicas.

1.3.1 Objetivos Específicos

- Identificar aspectos da rotina da instituição;
- Identificar aspectos educacionais a que são submetidos os assistidos;
- Identificar os principais anseios por parte dos assistidos;
- Identificar o tipo de atividade física ofertada;

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA – VARIAÇÕES CONCEITUAIS

Os termos “infância” e “adolescência” remetem a um grande número de significados e interpretações de acordo com os diferentes contextos (históricos, sociais, culturais, científicos). Em determinadas situações, ditos termos aparecem como que entrelaçados e até mesmo como sinônimos. Diferentes também são os papéis representativos, aos quais os sujeitos em questão estavam submetidos.

De acordo com o estudo de COELHO & CORDEIRO (2006) até o século XII não há registros de crianças nas principais fontes históricas pesquisadas (pinturas, túmulos, documentos eclesiásticos, testamentos), o que denota a ausência conceitual e a falta de destaque para esta fase da vida. Segundo ARIÈS (1981), na Idade Média não era comum a contagem da idade humana com a precisão que temos atualmente. A data correta do nascimento e o conhecimento de sua idade exata eram privilégios de uma minoria dotada de maior instrução, conforme mostra no trecho a seguir:

As “idades da vida” ocupam um lugar importante nos tratados pseudocientíficos da Idade Média. Seus autores empregam uma terminologia que nos parece puramente verbal: infância e puerilidade, juventude e adolescência, velhice e senilidade – cada uma dessas palavras designando um período diferente da vida. Desde então, adotamos algumas dessas palavras para designar noções abstratas como puerilidade ou senilidade, mas estes sentidos não estavam contidos nas primeiras acepções. De fato, tratava-se originalmente de uma terminologia erudita, que com o tempo se tornou familiar. As “idades”, “idades da vida”, ou “idades do homem” correspondiam no espírito de nossos ancestrais a noções positivas tão conhecidas, tão repetidas e tão usuais, que passaram do domínio da ciência ao da experiência comum. (...) A idade do homem era uma categoria científica da mesma ordem que o peso ou a velocidade o são para nossos contemporâneos. (ARIÈS, 1981, p. 10)

A infância como categoria social surge a partir dos séculos XVII e XVIII como sugere CARVALHO (2003, p. 47):

A aparição da infância ocorreu em torno do século XIII e XIV, mas os sinais de sua evolução tornaram-se claras e evidentes, no continente europeu, entre os séculos XVI e XVII no momento em que a estrutura social vigente (Mercantilismo) provocou uma alteração nos sentimentos e nas relações frente à infância.

Nesse período a infância representa uma fase de inutilidade enquanto aguarda a fase adulta. Dito conceito pode ser percebido nas pinturas que mostram as crianças como “adultos em miniatura” com trajes, feições e musculatura de adultos porém em tamanho reduzido. Esse conceito remete à origem do termo infância:

*(...) oriunda do latim **infantia**, significa “incapacidade de falar”. Considerava-se que a criança, antes dos 7 anos de idade, não teria condições de falar, de expressar seus pensamentos, seus sentimentos. Desde a sua gênese, a palavra infância carrega consigo o estigma da incapacidade, da incompletude perante os mais experientes, relegando-lhes uma condição subalterna diante dos membros adultos. Era um ser anônimo, sem um espaço determinado socialmente. (COELHO ; CORDEIRO, 2006, p. 884).*

Com a Revolução Industrial (séculos XVIII e XIX) a criança deixa de ter a concepção de inutilidade e passa a ser muito útil como mão-de-obra no sustento da família. A grande demanda por trabalhadores e os baixos salários fizeram com que famílias inteiras fossem exploradas em fábricas. Esse período é descrito por AMARILHA (2002):

Se a vida em comum com os adultos, antes da Revolução Industrial, tratava a criança com descaso, agora, o seu valor enquanto geração de braços para a indústria e cabeças para o comando lhe traz o exílio do seu tempo. Viver a infância passa a ser um período dominado por modelos de preparação para ser o futuro adulto. A criança como tal, com identidade específica, continua desrespeitada e desumanizada. (AMARILHA, 2002, p. 128-129)

O fim do séc. XIX e início do séc. XX é considerado a gênese da concepção atual de infância, na qual a criança agora definida à luz das Ciências é retirada de fábricas e é “inserida em contextos promotores de aprendizagens sistematizadas, sendo as instituições educativas os locais mais apropriados para esses propósitos.” (COELHO ; CORDEIRO, 2006, et seq.)

Atualmente as definições referentes às idades compreendidas entre o nascimento até os 18 anos, são várias (infância – primeira, segunda e terceira; criança; pré-púbere; adolescência; pré-adolescência; puberdade; etc.), e ditas definições usualmente são utilizadas de forma equivocadas ou moldadas de diferentes formas para cada âmbito. Um exemplo é a precocização comportamental ditada (muitas vezes pela mídia) a fim de que crianças ajam, e consumam, como adolescentes, ou que adolescentes ajam e consumam, como adultos.

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA - define criança em seu Artigo 2º: “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos (...)” (BRASIL, 1990). Já no Dicionário Aurélio, o verbete é definido da seguinte maneira: “**Criança.** [Do lat. *creantia*.] S.f. **1.** Ser humano de pouca idade, menino ou menina; párvulo. **2.** Pessoa ingênua, infantil: Não desconfia de nada, é uma criança. **3.** Ant. Criação, educação”, para reforçar a definição dessa fase da vida, apelo para a consulta de outro verbete:

Infância. [Do lat. *infantia*] S. f. **1.** Período de crescimento, no ser humano, que vai do nascimento até a puberdade; meninice, puerícia. (...) **4.** Psicol. Período de vida que vai do nascimento à adolescência, extremamente dinâmico e rico, no qual o crescimento se faz, concomitantemente, em todos os domínios, e que, segundo os caracteres anatômicos, fisiológicos e psíquicos, se divide em três estágios: primeira infância, de zero a três anos; segunda infância, de três a sete anos; e terceira infância, de sete anos até a puberdade. (...).

percebe-se que as definições da fonte jurídica (ECA) e da fonte lingüística (Dicionário Aurélio) são distintas porém complementares. O dicionário não delimita o final da infância de forma cronológica, apenas sugere a sua duração até a puberdade (que varia em cada indivíduo). Já o ECA traz com exatidão a idade final da infância (doze anos incompletos), certamente apenas como ponto de referência em casos jurídicos.

Para a Organização das Nações Unidas (ONU), no artigo 1º da Convenção dos Direitos da Criança, criança é “todo ser humano com menos de dezoito anos de idade, a não ser que, em conformidade com a lei aplicável à criança, a maioridade seja alcançada antes” (ONU, 1989). Porém o Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF – reconhece a distinção jurídica entre “criança” e “adolescente” de acordo com o ECA.

A fase da vida subsequente à infância, a adolescência, também sofre alguns equívocos quando são utilizados de forma empírica. Juridicamente considera-se adolescência, o período da vida humana entre os doze e dezoito anos de idade (ECA), essa definição pode variar em diferentes países mas é a forma recomendada pela UNICEF.

O Dicionário Aurélio traz a definição do verbete baseando-se na psicologia e na medicina, esta definição mostra que na adolescência, por se tratar de uma série

de transformações físico-psicológicas, é comum ocorrer variações nas idades limítrofes:

Adolescência. [Do lat. *adolescencia*] S. f. **1.** O período da vida humana que sucede à infância, começa com a puberdade, e se caracteriza por uma série de mudanças corporais e psicológicas (estende-se aproximadamente dos 12 aos 20 anos). **2.** Psicol. Período que se estende da terceira infância até a idade adulta, marcado por intensos processos conflituosos e persistentes esforços de auto-afirmação. Corresponde à fase de absorção dos valores sociais e elaboração de projetos que impliquem plena integração social.

Contudo na sociedade, é comum a flexibilização do período de abrangência da adolescência a fim de influenciar indivíduos dessa faixa etária a adotarem um padrão comportamental “artificial”. Esse comportamento artificial está, muitas vezes, relacionado ao consumo de uma imagem conveniente para determinadas situações.

Apesar de o período da infância e da adolescência estarem sujeitos a uma série de manifestações psicológicas individuais, portanto sujeito a variações entre indivíduos, será adotado como padrão para esse trabalho a definição jurídica conforme o ECA: criança período de 0 a 12 anos incompletos e adolescente período de 12 anos até os 18 anos.

2.2 CRIANÇAS DE RUA - CRIANÇAS NA RUA

Não é raro hoje em dia, principalmente nos grandes centros, encontrar crianças (sozinhas ou em grupo) desenvolvendo inúmeras atividades características da vida na rua – pedindo esmola, roubando, vendendo, trabalhando, utilizando drogas, ou simplesmente perambulando pelas ruas e calçadas. Contudo o acúmulo de crianças e adolescentes vivendo ou freqüentando a rua não é fruto dos tempos atuais. No final do século XIX as principais cidades brasileiras apresentavam um grande número de “desvalidos” inclusive crianças e adolescentes:

(...) da noite para o dia, uma perigosa malta de pessoas marginalizadas que ameaçavam a ordem vigente, seja como massa ativa nos constantes motins urbanos; seja no exemplo negativo de um estrato que não vivia do trabalho “honesto”. No interior dessa malta, destacava-se pela primeira vez, o grupo de crianças e adolescentes. No período anterior, eram pouco visíveis, pois as crianças tinham como destino as Casas dos Expostos e os adolescentes trabalhavam como escravos. (PEREIRA apud TRINDADE, 2000)

Ao longo do século o problema social das crianças na rua tornou-se comum à maioria das cidades brasileiras, e a população acostumou-se com a presença delas. O aumento no número de crianças e adolescentes nas ruas foi fruto do crescimento dos centros urbanos que conseqüentemente trouxe conjuntamente a desigualdade social, o desemprego e a violência. Esse contexto foi relatado inclusive na literatura popular conforme aponta SILVA (1997):

Jorge Amado, grande escritor brasileiro narra em seu sexto romance, Capitães da areia, em 1937, o que ainda hoje acontece nas ruas. O escritor mostra muito bem a realidade das crianças e dos adolescentes no início do século XX. Ele descreve a vida, o cotidiano de um grupo de meninos que utilizavam a rua como seu único espaço de sobrevivência. O livro Capitães da areia descreve com presteza o tema que persiste até hoje: o problema do menor abandonado na sociedade brasileira; suas tristezas e mágoas, a distribuição injusta da riqueza, a falta de emprego e os salários miseráveis. Essas crianças não estão nas ruas por que querem. Estão na rua porque não encontram em casa o que precisam, isso quando têm casa. Para elas a rua representa a liberdade e na rua elas têm a impressão de que vão acabar todos os seus sofrimentos. São filhos de pais e mães que bebem constantemente, pais agressivos, que batem nelas o tempo todo e por qualquer motivo. Muitas dessas crianças não conhecem seus pais. Por vezes, a mãe vive com outro companheiro, que não é pai das crianças. Algumas são abusadas sexualmente dentro de casa mesmo, outras são estupradas na rua. (SILVA, 1997, p. 1)

Essa parcela da sociedade pode ser dividida e definida de acordo com a relação existente entre o indivíduo e a rua. Estudos realizados no Brasil (PANUNCIO, 1995) e em outros países: EUA (Aptekar, 1994; Tyler, 1994), México (Peralta, 1994), Índia (Verma, 1994) e Alemanha (Keifenheim, 1994) trazem contribuições significativas para a caracterização dos grupos inseridos nessa parcela social.

O estudo da brasileira Maria Paula Panuncio serve como referência para o contexto brasileiro, e fornece informações importantes para a definição de alguns conceitos. A principal forma de classificação a princípio denota ser apenas uma questão semântica, porém reflete uma série de características peculiares a cada grupo. O grupo de “meninos na rua” engloba crianças que exercem atividades na rua (trabalhando ou não) mas que têm casa e família e que ainda mantêm vínculos. O grupo de “meninos de rua” possui crianças que buscam na rua uma forma para o seu próprio sustento e não possuem vínculos familiares. Porém é comum o uso

genérico (e equivocado) do termo “meninos de rua” para designar crianças de ambos os grupos (PANUNCIO, 1995 p. 1).

Ambos os grupos estão expostos aos perigos encontrados nas ruas, a situação de risco existe pela propensão de tornarem-se tanto vítimas quanto protagonistas de atividades ilícitas. Porém o grupo de “meninos de rua” mostra-se frente a um alto risco de uso de drogas, prática de atividades ilegais e morte violenta (PERALTA, 1994 apud PANUNCIO, 1995). Esse elevado risco deve-se tanto pela maior permanência nas ruas quanto pelo perfil psicológico diferenciado. VERMA (1994) realizou um estudo na Índia a fim de traçar o perfil psicológico de meninos de rua. Os resultados são citados por PANUNCIO (1995):

“(...)identificou algumas características psicológicas de crianças que vivem na rua. Tais características foram consideradas como consequência dos eventos de vida que antecederam ou determinaram a ida para as ruas (condições de vida, relações familiares) e à desestrutura e à instabilidade da vida nas ruas: perda da noção de tempo; dificuldade de estabelecer vínculos afetivos; imaturidade emocional e necessidade de receber atenção e afeição”

percebe-se que, as diversas alterações psicológicas pertinentes ao grupo não são, no todo, resultantes do meio onde vivem mas, sim, de onde viviam anteriormente. As crianças e adolescentes que vivem nas ruas já trazem consigo uma série de distúrbios psicológicos (agressividade, intolerância, crueldade) provenientes do ambiente familiar, e ao adentrarem nesse novo ambiente (a rua) ocorre a amplificação de ditos distúrbios bem como a aquisição de outros.

Normalmente as crianças e adolescentes que estão na rua migram da periferia (local que vivem com a família) para o centro das cidades, a princípio, para buscar auxílio para o orçamento familiar (dinheiro, comida ou o que for pertinente). Porém, a rua é muito atraente para quem não consegue satisfazer suas necessidades básicas de sobrevivência e desenvolvimento em casa, torna-se mais interessante que a escola, que muitas vezes está alheia ao contexto dessas crianças e acaba por expulsá-las. Apesar de interessante, no início, por ofertar recursos inimagináveis em casa (dinheiro próprio, drogas, sexo e outras “facilidades” que a rua aparenta fornecer), depois de algum tempo de vivência, percebe-se a realidade da rua que traz consigo também a discriminação, a humilhação, a violência e

punição informal pelos atos praticados. Esse sentimento torna mais viável a abordagem de educadores e a reflexão de deixar a rua (PANUNCIO, 1995, p. 7)

No Brasil o problema parece ser mais grave do que em outros países. Primeiramente pelo número absurdo de crianças e adolescentes que têm apenas a rua como alternativa de sobrevivência: estima-se que são ao todo 16 milhões. E como agravante, ao contrário de outros países, que o problema remete à diversos fatores, no Brasil a miséria presente em significativa parcela da sociedade nos converge à uma análise estritamente sócio-econômica. Além da insuficiência de políticas públicas que busquem promover crianças e adolescentes em risco social, o preconceito e a discriminação aumentam ainda mais o abismo entre essa população e a inclusão social. No Brasil, o preconceito é uma das grandes barreiras que cegam a sociedade, que ignora problemas sociais ao invés de buscar soluções. DOS SANTOS (2005, p. 146)) retrata perfeitamente a relação da sociedade para com as crianças e adolescentes que vivem nas ruas:

Um menino de rua é muito mais que um delinqüente faminto e esqualido que vai te roubar na próxima esquina, é o retrato em branco e preto da carência de cidadania de uma nação que quer chegar ao primeiro mundo e que elaborou uma Constituição baseada na democracia e igualdade de direitos, mas em muitos casos não passa de meras palavras perdidas em folhas manchadas com sangue de crianças mortas pela violência da exclusão social.

2.3 DADOS ESTATÍSTICOS DA CRIANÇA NO BRASIL

No Brasil, uma significativa porção das crianças e adolescentes vive em contextos que caracterizam risco social. Um fator de grande peso para tais contextos é a miséria, que traz consigo uma série de outros malefícios para o desenvolvimento humano. A miséria não se encontra como prerrogativa para o risco social – tampouco a recíproca é verdadeira – mas comumente ambos os contextos estão atrelados formando um quadro ainda pior.

O estudo da brasileira Maria Paula Panuncio evidencia um quadro alarmante quanto à infância e a adolescência no Brasil baseado em levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

De acordo com o IBGE, a população brasileira no início dos anos 90 era de 146 milhões de habitantes. Destes, 64.5 milhões estão abaixo da linha da pobreza, ou seja, têm um rendimento per capita igual ou inferior a meio salário mínimo. Considerando-se que 41.9% da população se encontram na faixa etária de 0 a 18 anos, e que destes 53,5% provém de famílias com renda per capita inferior a meio salário mínimo, obtém-se 32 milhões de crianças e jovens sobrevivem abaixo dos limites da pobreza (PANUNCIO, 1995, p-11).

Em 2003 a UNICEF divulgou um estudo apontando que 10% da população infantil brasileira (6 milhões) vive em condição de pobreza absoluta, 2,4% (1,4 milhão) não têm acesso à escola e 2,7% (1,62 milhão) sofrem de desnutrição ou fome (BBC BRASIL, 2003), (DOS SANTOS, 2005). Com isso, percebe-se que a pobreza no Brasil atinge de forma violenta principalmente as crianças, pois, comparando com outros países latino-americanos incluídos na pesquisa (foram ao todo oito países), o Brasil encontra-se em situação favorável (melhor colocação) na questão da pobreza da população total, mas, ao tratar em específico da população infantil, o país apresenta um quadro pior que países como Peru e Bolívia, os quais sofrem mais com a pobreza absoluta na população total.

A Fundação Getúlio Vargas (FGV) realiza estudos de levantamento da pobreza no Brasil ano a ano desde 1976. O número absoluto de pobres no Brasil vêm aumentando, contudo, a população total cresce de forma mais rápida, o que diminui a proporção de pobres da população total como mostra a tabela a seguir:

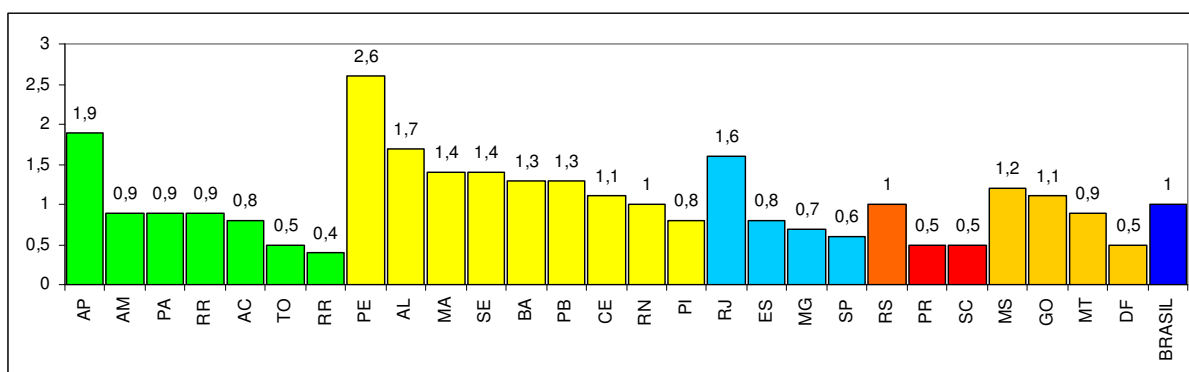
TABELA 1: NÚMERO DE POBRES E INDIGENTES E PROPORÇÃO DA POPULAÇÃO TOTAL

Data	Pessoas abaixo da linha de indigência (milhões de pessoas)	Pessoas abaixo da linha de pobreza (milhões de pessoas)	Pessoas abaixo da linha de indigência (% população total)	Pessoas abaixo da linha de pobreza (% população total)
Déc. de 1970	20	45,24	19,02	42,29
Déc. de 1980	23,15	52,30	18,25	41,26
Déc. de 1990	25,02	55,44	17,03	37,67
Déc. de 2000	23,7	58,37	13,77	33,88
Ano de 2005	20,6	55,38	11,41	30,69

Fonte: FGV DADOS (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2008) adaptado.

Porém, uma parcela significativa das crianças brasileiras encontra-se inserida em um contexto desfavorável para o seu desenvolvimento humano. A Figura 1 sintetiza o relatório da Pastoral da Criança, baseado nos Indicadores de Oportunidades e Conquistas (IOCs), que mostra se a criança está tendo as oportunidades para aprender e se desenvolver e se tem garantidos os direitos básicos de cidadania. Quando, no mês nenhum IOC é alcançado, considera-se a situação desfavorável: a criança não está recebendo as condições mínimas para seu desenvolvimento.

FIGURA 1: PORCENTAGEM DE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DESFAVORÁVEL PARA O DESENVOLVIMENTO



Fonte: Sistema de Informação da Pastoral da Criança (2007)

Percebe-se que, no Brasil, grande parcela das crianças e adolescentes são vítimas da exclusão do seu principal direito: “todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade” (BRASIL, 1990 p.1). Principalmente quando se apresentam estatísticas que comprovam que 44% dos jovens de 15 a 17 anos não concluíram o ensino fundamental e 18% estão fora da escola (IPEA, 2007). Ou ainda, quanto à proteção física: 93,5% das crianças que sofreram violência física no estado do Rio de Janeiro entre 1989 até 1999 foram vítimas dos próprios familiares, segundo relatório da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência. A pobreza, a violência e a exclusão social, que estão presentes em todo o território do país, mostram-se muito mais intensas às crianças, que dependem da proteção e amparo de outros, muitas vezes daqueles que as violentam, enquanto são vítimas da negligência da sociedade.

2.4 HISTÓRICO DO ASSISTENCIALISMO À CRIANÇA NO BRASIL

2.4.1 Assistencialismo no Período Colonial

A exclusão e o assistencialismo às crianças estão presentes no Brasil desde o primeiro século de ocupação portuguesa. No início, as expedições tinham objetivos especificamente militares, com combates, ocupação e domínio de territórios indígenas e por isso eram formadas apenas por homens. Porém, em 1549, aporta na Bahia o primeiro grupo de religiosos, a Companhia de Jesus (Jesuítas) chefiada por Manuel da Nóbrega, com a missão de introduzir a fé cristã nos indígenas nativos da, então, Terra de Santa Cruz (Brasil).

A missão jesuíta iniciou o seu trabalho com a formação das Confrarias do Menino Jesus, que tinham por objetivo reunir confrades que colaborariam para o sustento dos Colégios dos Meninos de Jesus. Os colégios atendiam, calcados na ação evangelizadora, as crianças indígenas e os meninos órfãos vindos de Portugal para que ingressassem na vida sacerdotal ou religiosa e atuassem na evangelização, especialmente no Brasil (AZZI, 1992, p. 11 – 20).

A Igreja Católica utilizou-se da infância para aumentar o número de fiéis (ARIÈS apud DOS SANTOS, 2005 p. 103). Essa ação fez-se presente no Brasil a fim de catequizar crianças indígenas bem como a utilização de órfãos portugueses para a aproximação dos nativos da colônia. (DOS SANTOS, 2005, p. 103). AZZI (1992) reforça a idéia que a vinda de órfãos da Metrópole (Portugal) foi motivada especificamente para a difusão da cultura luso-cristã através da convivência com as crianças indígenas, como demonstra o trecho da carta do Pe. Pedro Domenech relatando à Inácio de Loyola a atuação dos órfãos na colônia:

“Destes meninos enviou El-Rei o ano passado sete ao Brasil para atrair os filhos daqueles gentios. Tenho carta deles do grandíssimo fruto que lá fazem: de maneira que, quando um desses nossos meninos sai fora, se ajuntam mais de duzentos meninos gentios, e o abraçam e riem com ele, fazendo-lhe muita festa, e vão à casa dos meninos para aprender a doutrina, e depois vão a suas casas para mostrar e ensinar a seus pais e irmãos.” (AZZI, 1992, p. 18 -19)

A intenção da Igreja em amparar crianças e adolescentes era exclusivamente a de formar missionários aborígenes que evangelizassem seus

conterrâneos. Apesar disso, em 1554 Manuel de Nóbrega afirma que os índios e mamelucos não servem para a vida religiosa e em 1579 a Companhia de Jesus proíbe o ingresso de nativos à ordem religiosa. Em 1600, outra ordem, a do Carmo, proíbe a admissão de “elementos de origem indígena ou mouro” (AZZI, opus cit). Com isso, sinais de preconceito racial e discriminação tornam-se evidentes e trazem consigo a exclusão social já no primeiro século de “civilização” no Brasil.

A Companhia de Jesus, paulatinamente, foi transferindo a sua atuação missionária para a educação dos filhos das famílias luso-brasileiras.

AZZI (1992) complementa que ainda no período colonial, paralelo à Companhia de Jesus, a Irmandade da Misericórdia realizava obras de amparo aos pobres e excluídos (incluindo crianças). O amparo era, principalmente, realizado através das Santas Casas de Misericórdia, hospitais que atendiam grandes proporções da sociedade, que futuramente implantariam o sistema de roda dos expostos.

A primeira roda de expostos instituída no Brasil foi no ano de 1726 na cidade de Salvador, ainda no período colonial – assim como foram as do Rio de Janeiro e Recife. Contudo, o atendimento dessas instituições teve o seu auge no século XIX quando somavam-se, ao todo, treze rodas dispostas nas principais cidades do Brasil (MARCÍLIO, 1999 p.58 – 64).

A missão das rodas era a de garantir a sobrevivência das crianças abandonadas e de assegurá-las o batismo, tendo em vista que, na época, essa era a única forma de registro de recém-nascidos, equivalente à Certidão de Nascimento dos dias de hoje. E a forma de ingresso dos abandonados à instituição, através de uma roda colocada no muro que separava a Santa Casa de Misericórdia da rua (a maioria das rodas era instalada nas Santas Casas, mas existiram casos de serem implantadas em outras instituições caritativas), garantia o anonimato do expositor que assim evitava o mal maior, para os conceitos da época: o infanticídio.

Foram poucos os casos de roda de expostos que tiveram condições de asilo para os expostos. Buscava a rodeira colocar logo o bebê recém chegado em casa de uma ama-de-leite, onde ficaria, em princípio, até a idade dos três anos. Mas procurava-se estimular a ama a manter para sempre a criança sob a sua guarda. Neste caso, e até a idade dos 7 anos, em alguns casos, e de 12 anos, em outros, a Santa Casa pagava-lhes um estipêndio pequeno. A partir daí poder-se-ia explorar o trabalho da criança de forma remunerada, ou apenas em troca de casa e comida, como foi o caso mais comum. (MARCÍLIO, 1999, p. 72)

As rodas de expostos tiveram o papel, principalmente, de destinar as crianças abandonadas à criação, fosse voluntária ou remunerada, evitando a morte por abandono. O que, contudo, não garantia que a criança teria condições adequadas de criação, o que era comprovado pela alta taxa de mortalidade das crianças que passavam pela roda.

2.4.2 Assistencialismo no Período Imperial

Quando a Família Real veio para o Brasil, no ano de 1808, trouxe consigo uma série de benfeitorias a fim de tornar a Colônia mais “civilizada”, semelhante à Metrópole. Porém o cotidiano brasileiro já contava com várias instituições típicas da sociedade lusitana. Um exemplo disso eram as Rodas de Expostos que eram anexadas às Santas Casas de Misericórdia, conforme os moldes portugueses.

No período imperial, o atendimento às crianças abandonadas foi ampliado e tornou-se obrigação das municipalidades, através da Lei dos Municípios. Porém a negligência das câmaras era grande devido à impunidade perante o Império e à brechas na Lei que permitia a omissão dos serviços. Exemplo disso, era a supressão da obrigatoriedade da câmara caso houvesse uma Misericórdia instalada no município, podendo utilizar seus serviços e ficando a encargo da Assembléia Legislativa provincial o custeio da Misericórdia. O ressarcimento da Misericórdia, por parte da província, pelos serviços prestados ao município, descaracteriza a ação caritativa da roda e passa a ser essencialmente filantrópico (MARCÍLIO, 1999, p.60)

O início da fase filantrópica do assistencialismo foi marcado pela ascensão do positivismo e do liberalismo, diminuindo drasticamente as formas antigas de solidariedade para com os mais pobres e desvalidos. A solução para suprir essa carência deu-se pelo advento de diversas ordens religiosas européias que iniciariam, aqui no Brasil, o atendimento a diversos segmentos da sociedade (hospitais, escolas, colégios, asilos, orfanatos).

2.5 A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO MEIO DE SOCIALIZAÇÃO

As práticas sociais estão presentes nas mais diversas relações interpessoais cotidianas. SILVA et al (2006) apud COSTA et al (2007) define as práticas sociais da seguinte forma:

Relações que se estabelecem entre pessoas, pessoas e comunidade na qual se inserem, pessoas e grupos, grupos entre si, grupos e sociedade mais ampla, num contexto histórico de nação e, notadamente em nossos dias, de relações entre nações. (...) Por isso, práticas sociais se estendem em espaço/tempo construído por aqueles que delas participam seja compulsoriamente, seja por escolha política ou de outra natureza, seja por adesão (SILVA et. al, 2006 apud COSTA et al, 2007, p.1).

Os avanços tecnológicos proporcionaram maiores facilidades nas comunicações e relações virtuais. A telefonia, a Internet e a televisão trouxeram muitos benefícios e maior agilidade na resolução de problemas. Contudo, surgiu também uma série de males provenientes da “imobilidade”: estresse, obesidade, cardiopatias, solidão e a depressão (DOS SANTOS, 2005, p. 189)

A Educação Física, como ciência, está baseada nas relações humanas através das manifestações corporais.

A Educação Física e o esporte criam um contexto para que o homem e a mulher possam manejar seus corpos e seus intelectos de modo que se otimize o bem estar corporal e mental (homeostase), a saúde, o lazer e a prática prolongada da atividade física para alcançar a qualidade de vida para todos os humanos (DOS SANTOS, 2005, p.189).

Segundo BARBIRATO (2005) a atividade física sempre esteve presente na humanidade, seja para a sua sobrevivência ou para a preparação de guerreiros. Porém o esporte enquanto instrumento educativo teve início com os gregos, considerados precursores da civilização ocidental.

O esporte moderno surgiu apenas no século XVIII na Inglaterra, idealizado por Thomas Arnold, que entre 1827 e 1842 foi diretor do colégio Rugby. Arnold pensou um conjunto de jogos e atividades físicas para ocupar o tempo ocioso dos alunos e de lhes formar o caráter. Naquele contexto o *fair play* era predominante nos jogos, onde o cavalheirismo se mostrava no cumprimento de regras e no respeito ao adversário. Com o tempo essas práticas se difundiram por toda a Inglaterra (BARBIRATO, 2005, p.42).

O espírito esportivo clássico da sociedade helênica, manifestado através das Olimpíadas da Antigüidade, foi acoplado às práticas esportivas modernas (iniciadas por Thomas Arnold) quando o barão francês Pierre de Coubertin idealizou os Jogos Olímpicos Modernos com objetivos de contribuir com a paz mundial. Novamente, o esporte, através do *fair play* transmitia valores em busca de uma sociedade melhor, como Coubertin mesmo sugerira: “o mais importante nos Jogos Olímpicos não é ganhar, mas participar, tal como a coisa mais importante da vida não é o triunfo, mas a luta e, o essencial não é conquistar, mas ter lutado com dignidade” (PROENÇA; CONSTANTINO, 1998 apud RUBIO; SILVA, 2003).

Entretanto o esporte, principalmente na escola, sempre causou divergências quanto à sua aplicação ou permanência. Ao mesmo tempo em que uma corrente defende o esporte pelo seu processo de socialização – pois, através dele, a criança reconhece que existem outros ao seu redor, aprende a obedecer regras (imprescindível para a convivência social), adquire noção de responsabilidade, aprende a vencer e aceitar a derrota, etc – outra corrente o condena pelos mesmos fatores, considerados alienantes.

Segundo BRACHT (1992, p. 66) “devemos entender que o movimento que a criança realiza num jogo, tem repercussões sobre todas as dimensões do seu comportamento e mais, que esta atividade veicula e faz a criança introjetar determinados valores e normas de comportamento”. E, atualmente, o esporte atribui a ideologia capitalista e burguesa ao transmitir valores como a competição excessiva e discriminatória (melhores dos piores), e o esforço pessoal e individual vencer o adversário.

Porém, o autor ressalta que “o esporte mostra-se burguês não porque é esta a sua essência e, sim, porque suas múltiplas determinações lhe fornecem as características para tal. De maneira que, para termos um esporte não-burguês, precisamos atuar sobre suas determinações”. Concordo com o autor ao afirmar que “precisamos entender que as atitudes, normas e valores que o indivíduo assume através do processo de socialização no esporte, estão relacionados em sistemas de significados e valores mais amplos, que se estendem para além da situação imediata do esporte.”

Notavelmente a socialização por meio do esporte se dá através da atribuição de valores, porém, a questão principal é quais valores sociais queremos transmitir

para as crianças através do esporte. Enquanto o esporte permanecer apenas como fenômeno de reprodução de atributos sociais – uma vez que vivemos em uma sociedade méritocrata onde a vitória pelo esforço individual e a distinção entre melhores e piores sobrepuja o coletivismo – teremos a propagação da ideologia segregacionista. Ou então, o esporte pode (e deve) utilizar-se da socialização como meio de transmissão de valores éticos e morais que refletirão uma sociedade diferente da que vivemos.

O esporte também tem sido a principal ação de programas de inclusão social com crianças e adolescentes. Nesses programas, geralmente, o esporte não tem um fim em si mesmo, ou seja, não é exclusivamente através da prática esportiva constante que a inclusão social acontece, mas sim, através de um conjunto de ações pedagógicas (incluindo o esporte). BARBIRATO (2005, p. 126) reforça que

temos presenciado a proliferação de projetos sociais voltados para atender crianças e adolescentes de baixa renda que não conseguem usufruir seus direitos públicos – como é o caso do acesso à prática esportiva. Somado a isso, o fato do esporte receber um tratamento pedagogizado permite que se trabalhe com a cultura corporal de movimento em prol de práticas que garantam o acesso à cultura da sociedade, afinal, o esporte vem a se constituir um fenômeno sociocultural e histórico de enorme proporções na atualidade.

O Instituto Ayrton Senna realiza em diversas regiões do Brasil, desde 1995, um trabalho com crianças e adolescentes buscando criar oportunidades para o desenvolvimento cognitivo, pessoal, social e produtivo. Sua ação acontece, dentre outros meios, pelo Programa Educação pelo Esporte, no qual, professores universitários da área de Educação Física de instituições colaboradoras, realizam trabalhos multidisciplinares juntamente com um equipe que envolve a Pedagogia, a Arte e a Saúde. Em Curitiba, o programa é realizado em parceria com a Universidade Federal do Paraná através do Projeto Galha Azul desde 2003. O programa engloba monitores dos cursos de Educação Física, Medicina, Artes, Dança, Música, Letras, Odontologia, Psicologia e Nutrição que atendem 220 crianças e adolescentes de 07 a 14 anos. No âmbito esportivo o Projeto Galha Azul oferta modalidades como: luta, atletismo, basquete, natação, futebol e vôlei.

Porém é lamentável que o Estado não se empenhe na formulação de políticas públicas para a inclusão de crianças e adolescentes em risco social. A maior parte de programas de inclusão social são provenientes de ações do terceiro

setor. Por maior que seja o esforço de organizações não governamentais, institutos ou de filantropos, apenas uma pequena parcela das crianças e adolescentes em situação de risco social são atendidas por programas que busquem a inclusão social, enquanto a grande maioria continua sendo vítima da exclusão dos direitos que deveriam ser para todos.

3 METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Ao abordar questões sobre a experiência de crianças e funcionários de uma instituição de amparo à crianças e adolescentes em situação de risco, é inevitável a relação com as ciências empíricas sociais. A Sociologia, a Antropologia e a Educação (onde está inserida a Educação Física) estão diretamente arroladas às características encontradas nesse contexto peculiar. Com isso, a melhor opção para descrever o contexto estudado foi a pesquisa qualitativa, pois, segundo STRAUSS & CORBIN (1994) apud DOS SANTOS (2005): *“(...) investigações sobre a vida das pessoas, histórias, comportamentos e também do funcionamento organizativo, movimentos sociais ou relações e interações. Alguns dos dados podem ser quantificados mas a análise em si é qualitativa.”*

Como base lógica da investigação utilizou-se o método fenomenológico por possibilitar a descrição da experiência sem deduções.

O intento da fenomenologia é, pois, o de proporcionar uma descrição direta da experiência tal como ela é, sem nenhuma consideração acerca de sua gênese psicológica e das explicações causais que os especialistas podem dar. Para tanto, é necessário orientar-se ao que é dado diretamente à consciência, com a exclusão de tudo aquilo que pode modificá-la, como o subjetivo do pesquisador e o objetivo que não é dado realmente no fenômeno considerado. (GIL, 1999, p. 32)

GIL (idem, p. 32) ainda reforça que a fenomenologia visa apenas o dado, ignorando se o dado é uma realidade ou uma aparência.

A investigação empregou como meio técnico o método monográfico que *“(...) parte do princípio de que o estudo de um caso em profundidade pode ser considerado representativo de muitos outros ou mesmo de todos os casos semelhantes. Esses casos podem ser indivíduos, instituições, grupos, comunidades etc.”* (GIL, idem, p.35)

Ainda segundo GIL (idem, p. 43), as pesquisas sociais, de acordo com os objetivos, adotam diferentes níveis de pesquisa. A pesquisa exploratória comumente possui revisão literária ou documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Raramente emprega técnicas quantitativas de coletas de dados. O seu principal objetivo é fornecer uma visão geral, de tipo aproximativo, sobre algum fato,

sobretudo *“quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.”*

Por isso adotei a pesquisa exploratória como nível de pesquisa devido a amplitude do tema e as diferentes abordagens possíveis. Com isso espero ter fornecido uma visão panorâmica acerca das crianças que vivem nas Casas-Lares da Fundação Iniciativa.

3.2 PARTICIPANTES

Foram coletados depoimentos de três participantes que convivem em uma mesma Casa-Lar (a fim de minimizar divergências contextuais) e vivem diferentes situações em relação à instituição. A amostragem por conveniência buscava contemplar três diferentes percepções: a de uma “mãe social” (funcionária da instituição), de uma criança ou adolescente atualmente assistida pela casa e de uma que já tenha sido assistida e hoje se encontra em uma família. Para tanto, foi solicitado à administração da Fundação Iniciativa a autorização e a possível indicação de indivíduos que contemplassem tais situações. Porém, por questões jurídicas, a Fundação deve prezar pela privacidade daqueles que já foram atendidos. Assim sendo, a pesquisa com sujeitos que já não se encontram sob a tutela da instituição fora descartada pela direção e substituída por uma adolescente que encontra-se em fase de desvinculação da instituição. A adolescente deverá retornar para a família biológica, provavelmente, antes da data de conclusão desse trabalho. Com isso, os sujeitos da pesquisa foram classificados como: “mãe social”, assistido e desmembrado.

3.3 INSTRUMENTOS

Os dados foram obtidos com depoimentos coletados através de entrevistas por pautas. As pautas das entrevistas foram semelhantes abordando quatro tópicos principais: identificação (idade, sexo, tempo que está (esteve) na casa, o que fazia antes, onde morava etc.), cotidiano da casa (buscava saber aspectos e as manifestações dos envolvidos diante a rotina do lar), educação (relação dos

indivíduos com o ambiente escolar) e anseios futuros a fim de identificar os anseios dos indivíduos em diferentes aspectos.

3.4 PROCEDIMENTOS

As entrevistas foram realizadas por mim mesmo dentro da própria casa-lar. O local das entrevistas, a sala de estar da casa, foi escolhido buscando minimizar as interferências extrínsecas ao entrevistado, criando um ambiente reservado, porém familiar. As entrevistas aconteceram individualmente todas no mesmo dia. A coleta dos depoimentos foi feita através da gravação do áudio, utilizando um computador portátil e posteriormente transcritas (ANEXOS I, II e III).

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Os depoimentos realizados evidenciam opiniões bastante semelhantes entre si nas três temáticas principais: cotidiano da casa, educação e anseios.

Através dos depoimentos é possível traçar o cotidiano das casas lares. Ao todo moram na casa quatorze pessoas, sendo: um casal de pais sociais, dois filhos biológicos e doze crianças assistidas com idades entre quatro e quatorze anos. A rotina diária compreende horário de dormir das 21h00 horas até as 6h00 horas, são servidas quatro refeições ao longo do dia: café da manhã, almoço, café da tarde e jantar. As crianças possuem horários reservados para o estudo, afazeres domésticos (arrumar a casa) e banho. Estudam em escolas públicas da região e são transportadas por veículo próprio da fundação. Tanto os funcionários (pais sociais) quanto os assistidos, participam freqüentemente de atividades formativas ofertadas pela Fundação, pela prefeitura ou por empresas privadas, como é o caso do coral de natal do Palácio Avenida, realizado pelo Banco HSBC, no qual as crianças, além de cantar, participam de atividades pedagógicas.

A seguir, a Tabela 2 apresenta o cruzamento de respostas àquelas questões comuns às entrevistadas.

TABELA 2: COMPARAÇÃO DAS RESPOSTAS ÀS QUESTÕES COMUNS ÀS ENTREVISTADAS.

PERGUNTAS	ASSISTIDO	DESVINCULADO	MÃE
IDENTIFICAÇÃO			
Idade	Onze anos	Treze anos	Quarenta e três
Sexo	Feminino	Feminino	Feminino
Tempo que está na casa:	Três anos	Três anos	Cinco anos
Onde vivia e o que fazia antes da casa:	Em outra instituição, antes disso não se recorda.	Em outra instituição, antes disso com a mãe, ajudava a mãe a cuidar de crianças.	Com a família. Trabalhava no conselho tutelar.
Possui familiares na casa:	Sim, dois irmãos na mesma casa e um em outra casa.	Sim, quatro irmãos.	Sim, marido e dois filhos.

COTIDIANO			
Pessoas na casa, forma de contagem:	Com os filhos da “mãe” são doze <i>(crianças apenas, à somar o casal)</i>	Eu, mais onze crianças e um casal.	Quatorze: dez crianças mais nós quatro.
Considera os demais como:	Amigos	Amigos	Filhos
Tem problemas de relacionamento com alguém da casa:	Não	Não	Não. Mas existem pequenos conflitos de uma família normal, entre as crianças.
Quanto à brincadeiras:	Vôlei, junto com os amigos	Dançar, junto com as meninas	Não tem tempo
Quanto aos esportes:	Já praticou futebol “e caçador” na escola. Gostaria de praticar vôlei treinando todos os dias.	Praticava atletismo na escola. Gostaria de fazer natação.	Acha que as crianças deveriam ter mais atividades físicas para extrapolar. As vezes corre com as crianças mas de forma lúdica.
Relação pais sociais – crianças:	Chama de “pai” e “mãe” e considera muito atenciosos.	Atenciosos, carinhosos.	Considera como filhos e têm grande afetividade.
Importância da casa:	Importante porque acolhe as crianças e dá coisas que não teria lá fora como o amor.	Ajudou porque antes não tinha disposição e agora realiza várias tarefas. Ajudou também a sua família biológica.	É importante porque é uma família e dá todas as condições para as crianças se desenvolverem.
O que mais gosta na casa?	De conversar com os amigos.	Do carinho das “mães sociais” pois antes não tinha.	Da troca afetiva entre os “pais e filhos”
O que gostaria de mudar na casa:	A hora de dormir.	Nada, tudo está bom.	Gostaria de ter uma casa própria cheia de crianças como uma família.
EDUCAÇÃO			
Série que se encontra:	Quarta série <i>(um ano de atraso)</i>	Quarta série <i>(três anos de atraso)</i>	_____
Acha que a relação com amigos e professores muda por serem da casa-lar:	Não	Não	Sim. Os colegas dizem que as crianças não têm mãe. E algumas professoras excluem ou

			destacam as crianças.
Aulas de educação física:	Duas por semana. Está aprendendo capoeira e gosta das aulas.	Duas por semana. Está aprendendo capoeira. Acha as aulas “puxadas” mas gosta bastante.	-----
Importância da escola:	Tem que ir pra aprender. Pra ser alguém na vida.	Aprendeu várias coisas que não sabia enquanto estava na casa da mãe.	Entende a escola como continuação do trabalho. A educação se dá em casa e continua na escola.
O que gostaria de mudar na escola:	Ficar menos tempo.	Nada tudo está bom assim.	Que os professores não tratassem as crianças como “coitadinhas”.
ANSEIOS			
O que espera para daqui um ano:	Acha que vai estar ruim, mas agora está bem. Mas não sabe porque.	Melhor nos estudos e talvez ajudar a mãe biológica.	Trabalhando por uma boa educação das crianças.
E daqui há dez anos:	Pretende estar bem. Estudando medicina e trabalhando. Mas ainda não pretende formar família.	Estudar (medicina) e trabalhar, mas sem filhos ou marido.	Ver os frutos daqueles que passaram pela casa. Visitar e se necessário ajudar novamente.
O que espera dos pais sociais:	Visitar, que eles vivam bem. Que, se quiserem, continuem cuidando de crianças.	Encontrar eles novamente um dia, pois não vai esquecer o que recebeu deles.	_____

Fonte: Dados de pesquisa, 2008.

O depoimento da criança ainda assistida é o único que apresenta um possível estado de insatisfação com o contexto. Há três anos na casa, e desde que se lembra em outra instituição, a menina possui ainda mais três irmãos amparados pela Fundação Iniciativa e considera as demais crianças da casa como amigos, sem problemas de relacionamento. Ela refere-se aos pais sociais como “pai” e “mãe” e os considera muito atenciosos. A insatisfação se manifesta de forma bastante suave quando a mesma admite que gostaria de mudar o horário de dormir (que é as 21

horas), porém, a insatisfação com restrições à horários é bastante natural das crianças. Novamente, ao projetar o seu futuro próximo, daqui um ano, a menina imagina que estará ruim, contudo não sabe explicar o porquê, além de sentir-se bem atualmente. Apenas esses dois momentos apresentaram possível insatisfação. Ela comprova a gratidão que tem pela casa-lar ao afirmar sua importância pela acolhida às crianças e por fornecer o que seria impossível fora, como o amor.

A adolescente que está em processo de desligamento demonstra total satisfação ao contexto. Principalmente quando afirma não querer mudar nada na casa, nem na escola. Ela admite que a Fundação Iniciativa corroborou para a reestruturação da sua família biológica e o seu conseqüente retorno. Também evidencia uma grande ligação afetiva com os pais sociais, pois, segundo ela, antes não tinha o carinho que recebera na casa. Uma manifestação preocupante é a forma que descreve a família biológica e como provavelmente estão hoje em dia: *“eles discutem demais e um parou assim no tempo, por que estudava e agora parou e o outro parou também. Todos são desempregados, o outro trabalha meio em frete assim, essas coisas”*. Analisando as condições familiares descritas pela adolescente e a forma que se refere ao atendimento da casa-lar é possível imaginar que a mesma tenha consciência de que a casa-lar possui melhores condições para o seu desenvolvimento humano, e que, ao voltar para casa, entrará em uma nova realidade, distante de todos esses benefícios. Vale ressaltar o trabalho de reestruturação que foi realizado junto à família com acompanhamento psicológico e terapia. Esse trabalho provavelmente prosseguirá, como é de praxe na instituição, para verificar a readaptação da família. Se atualmente as condições não são as ideais para o desenvolvimento das quatro crianças que retornarão à sua família biológica, anteriormente deveria ser muito pior para que o conselho tutelar retirasse as quatro crianças e as abrigassem por mais de três anos.

Um dos depoimentos mais marcantes é o da mãe social. A preocupação com o futuro das crianças que por ali passam é constante em seu discurso. Preocupação essa que, segundo ela, fez com que aceitasse o trabalho na casa-lar:

Pelo conselho tutelar que eu trabalhava, eu levava as crianças até as casas-lar, eu retirava as que estavam sendo abusadas e todos os tipos de violência. Então eu trazia as crianças na casa e ficava assim com o meu coração: será que eles estão bem? Então eu fiquei com aquela vontade de fazer além daquilo, por que as vezes eu ia dormir e pensava: como que está aquela criança, será que está sendo bem

cuidada por que eu tirei da mãe e levei pra uma outra casa, será que está sendo bem cuidada? Então eu sempre tive essa vontade de ver o outro lado. (ANEXO III, p.1-2)

A mãe social mostra-se participativa com a vida escolar das crianças, mesmo tendo uma pedagoga designada à essa função. Segundo ela, uma mãe deve estar ciente de todas as atividades que o filho desenvolve e deve ajudar sempre que possível. Ela relata que costuma freqüentar os eventos escolares, que contam com a presença dos pais, para que as demais crianças não julguem os assistidos como “sem mãe”: “tinha um menino que dizia, na escola, que tinha mãe e os amiguinhos dele diziam que não, aí um dia eu fui à escola, a primeira vez que eu fui lá, ele chamou os amiguinhos e disse pra eles: ‘Olha aqui, você duvidou que eu tivesse mãe, olha aqui a minha mãe!’. Ai, mas eu me senti tão orgulhosa!” (ANEXO III, p. 6). Ao contrário das assistidas entrevistadas, a mãe afirma que as crianças sofrem discriminação na escola por serem da casa-lar, e que muitas vezes essa discriminação, por parte das crianças, foi inserido pelos próprios pais.

A educação é valorizada nos três depoimentos. As assistidas depositam na educação a esperança de um futuro satisfatório, de “ser alguém na vida” e ambas anseiam cursar medicina. A mãe social compreende a escola como a continuação do trabalho de educação das crianças, não cabendo exclusivamente à uma das partes a responsabilidade pela educação. Relata ainda, que para alguns professores, falta sensibilidade, ao trabalhar com as crianças abrigadas na casa-lar. Alguns as discriminam através da exclusão calcados na premissa de que já são abandonados em todos os sentidos, outros, discriminam através do destaque exacerbado perante os demais, por apresentarem um histórico de exclusão.

Através do depoimento, principalmente da mãe social, conclui-se que, pelo fato de as crianças serem vítimas da sociedade, a reversão desse quadro está condicionada ao empenho de toda a sociedade. Esse pensamento é ilustrado pelo relato de um caso ocorrido na escola:

Então já aconteceu de uma criança que fazia tratamento psicológico, e em uma reunião a psicóloga fez umas perguntas e ele respondeu assim:

- Eu não gosto da professora porque ela não gosta de mim!

- Por que a professora não gosta de você? Quem sabe porque ela ainda não te adotou, como professora. Eu te adotei, como psicóloga. A “S” te adotou como mãe social.

Então quando eu cheguei na escola, bem naquele dia teve reunião, ela (professora) perguntou:

- O que que ele tem que ir na psicóloga?

E descarregou tudo naquela criança, e eu só ouvindo, me deu até um nó na garganta! Então ela perguntou o que a psicóloga falou. Aí parece que um anjo da guarda me falou, e eu falei assim:

- Ela falou que eu adotei ele, como mãe social. Ela adotou, como psicóloga. E você não conseguiu ainda adotar, como professora.

Na hora aquela mulher ficou branca, acabou assim... Então, depois, ela começou a mudar, tratar ele melhor e o menino mudou. Resolveu o problema! E se eu não fizesse isso a criança ia ser o quê? Hoje, graças a Deus ele foi adotado, tá na Itália. O menino mudou, ele não queria saber, tarefa ele não queria fazer nenhuma, ele odiava aquela escola, odiava tudo, e mudou. Você veja o que é o tratamento, não saber lidar. A professora às vezes tem que levar um puxão de orelha pra mudar o jeito de tratar a criança. (ANEXO III, p.6-7)

Então, como mostra o relato, é necessário que cada um, enquanto cidadão, adote as crianças marginalizadas como cidadãs. Não haverá inclusão e promoção humana para as crianças marginalizadas enquanto cada segmento da sociedade não as adotar como sendo sua responsabilidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propor um trabalho que abordasse uma instituição de amparo à crianças e adolescentes em situação de risco social não tive a intenção de quantificar e classificar as mais variadas percepções presentes, justamente por acreditar que cada envolvido naquele contexto possua uma história ímpar e que somente através de uma conversa informal (como ocorreu com a entrevista com pauta) seria possível coletar dados não tão claros em um questionário quantitativo.

Os três depoimentos demonstraram um alto grau de satisfação com a casa-lar. As crianças relatam estarem felizes no contexto em que vivem e a mãe social confessa estar realizando um sonho ao atender às crianças. Porém, o fato que traz preocupação é que, na casa, a criança recebe cuidado, carinho, amor, enfim, tudo que precisa para se desenvolver. Contudo, um dia terá que sair (ou retornará para a sua família ou irá para outra instituição) e ao sair deparar-se-á com um mundo muito diferente do que via lá de dentro. É como se a criança estivesse vivendo em uma bolha protetora e algum dia a bolha irá se romper.

Por isso, a utilização de programas de inclusão social para essas crianças é imprescindível para que, ao romper da bolha, estejam preparadas para participar da sociedade de forma digna e cidadã.

REFÊRENCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Conselhos tutelares são poucos e ainda não têm efetividade, afirma promotor.** 13 de Abril de 2007. Disponível em: <http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/04/13/materia.2007-04-13.6564087858/view> .

ARIÈS, P. **História Social da criança e da família.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
CARVALHO, E. M. G. **Educação infantil:** percurso, dilemas e perspectivas. Ilhéus, BA: Editus, 2003

ALVES, et al. Instituições de atendimento socioeducativo à adolescentes em situação de risco do Distrito Federal: panoramas e perspectivas. **Psico**, v. 38, n.2, p.166-177, 2007.

AMARILHA, M. Infância e literatura: traçando a história. **Revista Educação em Questão.** EDUFRRN, v.10, p. 126-137. Natal, RN. 2002.

APTEKAR, L. Research on street children: Some conceptual and methodological issues. **ISSBD Newsletter.** 1994.

AZZI, R. **A Igreja e o menor na história social brasileira.** São Paulo. Paulinas; CEHILA, 1992.

BBC BRASIL. **Brasil possui mais crianças sem estudar do que a Bolívia.** 23 de Outubro de 2003. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2003/10/031023_crianças1cs.shtml

BRACHT, V. A Criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista. In: **Educação Física e Aprendizagem Social.** Porto Alegre: Magister, 1992.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Leis/L8069.htm> .

CÂNDIDO, M.C.M. **O trabalho infantil e as experiências de erradicação: um estudo da implantação do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI em Campinas.** Campinas, SP: [s.n.], 2005

COELHO, M. G. P.; CORDEIRO, S. S. Descortinando o Conceito de Infância na História: do passado à Contemporaneidade. In: **VI Congresso Luso Brasileiro de História da Educação, 2006, Uberlândia, MG.** VI Congresso Luso Brasileiro de História da Educação, 2006.

COSTA, A. C. G. Infância, juventude e política social no Brasil. In: **Brasil Criança Urgente: A Lei 8069/90.** São Paulo: Columbus, 1990.

COSTA, V.B.; GONÇALVES JUNIOR, L.; MUNSTER, M.A. Convivendo com a inclusão social: práticas corporais lúdicas adaptadas e seus processos educativos. In: COLÓQUIO DE PESQUISA QUALITATIVA EM MOTRICIDADE HUMANA, 3., 2007, São Carlos. O lazer em uma perspectiva latino-americana. **Anais...** São Carlos: SPQMH, DEFMH/UFSCar, 2007. p. 219-231.

DOS SANTOS, S.L.C. **Propuesta de um modelo de gestión universitária para la atención a los niños em situación de riesgo social a través del deport em la ciudad de Curitiba.** Barcelona. Facultad de Pedagogia: Universidad de Barcelona. Tese de conclusão de doutorado, não publicado.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da Língua Portuguesa.** 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999.

FREITAS, M. C. (org.). **História social da infância no Brasil.** São Paulo: Cortez, Bragança Paulista: USF-IFAN, 1999.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **FGVdados: Área de consulta e aplicação de ferramentas.** Disponível em: http://fgvdados.fgv.br/dsp_frs_pai_ferramentas.asp

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GURNHAK, L.T. **Crianças e adolescentes num município paulista: Memória, relatos e representações sobre os conselhos de atendimento**. Campinas, SP [s.n.], 2002.

IPEA. **Comunicado da Presidência nº12 – Pnad 2007: Primeiras análises – Educação, juventude e raça**. Disponível em:

http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/comunicado_presidencia/Comunicado_%20da_%20presidencia12.pdf

KEINFENHEIM, B. Ethnological observations of street children in Berlim. **ISSBD Newsletter**. 1994.

MARCILIO, M. L. A roda dos expostos e a criança abandonada na História do Brasil: 1726-1950. In: FREITAS, M. C. (org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, Bragança Paulista: USF-IFAN, 1999.

MILANI, Feizi M. Adolescência e violência: mais uma forma de exclusão. In: **Educar em Revista**, nº 15 (Dossiê Crianças e Adolescentes Excluídos: Ações e Reflexões). p.101-114. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná (UFPR), 1999.

MORENO, A.Z. **“Vivendo em lares alheios”: acolhimento domiciliar, criação e adoção na cidade de São Paulo (1765-1822)**. Campinas, SP: [s.n.], 2007.

ORLANDO, R.P. **Infância e Cidadania: A experiência do Conselho Tutelar de Campinas**. Campinas, SP: [s.n.], 2002.

PANUNCIO, M.P. **Crianças e adolescentes em situação de risco: entendendo a opção pela vida de rua**. Campinas: UNICAMP. Dissertação de mestrado, 1995.

PASTORAL DA CRIANÇA. **Sistema de informação da Pastoral da Criança. Relatório Extrato Indicadores, abrangências por níveis Brasil, ano de 2007**,

folhas de acompanhamento digitadas até 24/04/2008. Disponível em: http://www.pastoraldacriança.org.br/pastcri-dev/arquivos_genericos/portal/situacao-desfavoravel.png

PERALTA, F. Street children in México. **ISSBD Newsletter**. 1984.

RUBIO, K. ; SILVA, M.L.S. Superação no esporte: limites individuais ou sociais?. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. Porto, v.3, p. 69-76, 2003.

SILVA, S.G.O. **Crianças na rua**. Disponível em: <http://www.artigonal.com/educacao-artigos/criancas-na-rua-392811.html>

SOLDATELLI, M.I.S. **Adolescentes em risco social: a expressão dos processos de identificação no método de Rorschach**. São Paulo: USP. Dissertação de mestrado, 2007.

TRINDADE, J. M. B. O abandono de crianças ou a negação do óbvio. **Rev. bras. Hist.** , São Paulo, v. 19, n. 37, Sept. 1999 .

TYLER, F. B. Psychological studies of street youths. **ISSBD Newsletter**. 1994.

VERMA, S. Struggle for survival: A profile of street children in India. **ISSBD Newsletter**. 1994.

ANEXOS

ANEXO I

ENTREVISTA: DESVINCULADO**IDENTIFICAÇÃO**

- Eu tenho treze anos, sexo feminino, estou há três anos aqui na Fundação Iniciativa, pretendo voltar para a casa da minha mãe no final do ano, tenho quatro irmãos comigo morando aqui, de pai e mãe mesmo...

- Você morava aonde antes?

- Em uma outra Instituição e antes de morar na Instituição eu morava com a minha mãe, estudava e trabalhava também.

- Trabalhava com o quê?

- Eu trabalhava ajudando minha mãe a cuidar de crianças.

- E agora você vai morar com a tua mãe de volta?

- Vou morar com a minha mãe.

- E vai trabalhar lá com ela?

- Não, só estudar.

- E a vida que você teve aqui na Fundação Iniciativa como foi? Foi boa, não?

- Foi boa, foi legal, eu nunca vou esquecer.

COTIDIANO DA CASA**- Quantos moram na casa?**

- Eu moro com onze crianças e um casal de “Pais Sociais”.

- E você acha bom ter tantos “irmãos” assim?

- Ah, é legal, é divertido, assim a gente não meio fica sozinho, faz brincadeiras todos juntos.

- E qual a idade média das crianças que moram com você?

- É de três a dezoito anos.

- Dezoito?

- Sim.

- Todos esses anos que você passou aqui, todos que moravam com você eram seus amigos, você se dava bem com todos ou não?

- Com todos eles, todos eles são meus amigos.

- E sobre a rotina do dia-a-dia, como que é na hora de dormir, tem hora certa, não tem?

- Tem hora certa de dormir, tem hora de comer, hora de levantar, hora de fazer os afazeres de casa.

- **Mas daí todo mundo faz junto?**

- Todo mundo faz junto, cada um faz uma coisa.

- **Mas, por exemplo, na hora de fazer dever de casa, todo mundo vai só fazer o dever de casa?**

- Vai, faz só o dever de casa.

- **E na hora de dormir vai todo mundo dormir?**

- Sim, tem hora de assistir televisão e tem hora de estudar, tem hora de dormir e tem hora de comer.

- **E hora de acordar?**

- E hora de acordar.

- **Banho também tem hora certa?**

- Hora certa.

- **E aí vai revezando?**

- Sim.

- **Refeições, quantas são no dia mais ou menos?**

- São quatro refeições, café da manhã, almoço, café da tarde e janta.

- **Do que você costumava brincar?**

- Ah, eu brinco de bastante coisas, tem tantas... O que eu mais gosto de fazer é dançar.

- **Então você brinca junto com as outras meninas?**

- Sim.

- **E esportes, você já praticou algum? Nunca praticou? Gostaria de praticar?**

- Eu já pratiquei esportes, já fiz corrida, e agora não estou fazendo.

- **Corrida? Fazia aonde?**

- Aqui mesmo, no colégio.

- **Tem algum que você gostaria de praticar?**

- Tem, natação.

- **E os “Pais Sociais”, a S. e o A., como eles eram? Atenciosos?**

- Atenciosos, carinhosos, dão bastante atenção pra gente.

- **E fora da casa, o que você costuma fazer? Vocês costumam sair?**

- Costumam sair. Quando tão fora de casa ou então fazendo alguma atividade.

- E quando vocês saem fazer atividade ou alguma coisa assim, como que é? Como vocês vão? Quem leva? O que vocês vão fazer?

- A atividade que a gente mais faz é coral, nós estamos cantando agora no coral do HSBC, então, eles pegam a gente e trazem, e a gente sempre sai mais no final de semana.

- Tirando o Coral, vocês saem pra fazer alguma outra coisa?

- Tem o sábado e o domingo que às vezes tem algumas atividades, cinema, festinhas, professores, educadores...

- Igreja?

- Igreja.

- E vem alguém visitar vocês normalmente, que não seja o pessoal que trabalha na fundação. Vem alguém de fora?

- Vem uns colégios visitar as crianças, vem um “cão amigo”, que é um pessoal que faz um trabalho com cachorro.

- E que importância a casa teve pra você nesses anos?

- Nossa muita coisa, tanta coisa, aí... nem sei dizer...

- O que você acha que ela ajudou tua vida? Ou se não ajudou, o que atrapalhou...

- Ajudou bastante, por que eu era uma menina meio desanimada, quieta, agora eu to meio agitada, faço tudo. Por que antes eu era uma menina que não fazia nada. Agora eu faço bastante coisa, trabalho aqui, faço meu serviço doméstico, estudo, por que antes eu não estudava.

- E quanto a sua família biológica, você acha que Fundação ajudou de alguma maneira?

- Ajudou.

- Como ajudou?

- A minha mãe, agora que eu estou aqui eu estou bem melhor, faço terapia. A minha mãe também era muito nervosa, ela também faz terapia, aí... até mudou a vida da minha mãe também, tudo isso.

- Tanto é que você só vai voltar pra casa por que as coisas lá estão melhores.

- Sim.

- E, nesse tempo, o que você mais gostava na casa? Ou ainda gosta?

- Gostava... Era o carinho das “mães sociais”. Por que antes eu não tinha, daí agora... (risos)

- O que você gostaria que fosse diferente aqui na casa?

- Nada.

- Nada?

- Tudo está bom pra mim...

EDUCAÇÃO

- Antes de vir pra cá aonde você estudava?

- Ah... Nossa... Tipo assim, não tinha lugar pra eu estudar, por que a minha mãe vivia se mudando e eu não terminava o ano, então sempre eu mudava de colégio, tantos colégios que eu passei, e lugares...

- Você estava atrasada nos estudos então?

- Sim.

- E hoje em dia, aqui na casa, você estuda aonde?

- Eu estudo no Donatilla.

- Está em que série?

- Quarta.

- De manhã?

- À tarde.

- E quem leva vocês pra escola, quem vai buscar?

- É o nosso motorista, o tio N. que leva e traz.

- O motorista da Fundação?

- Sim.

- Todas as crianças daqui estudam lá?

- Quase todas.

- Tem alguma que estuda em outro colégio?

- Tem, umas que estudam em um colégio e dois que estudam em outro colégio.

- E na escola como é, você tem bastante amigos?

- Tenho bastante amigos, nossa... Bastante amigos...

- E eles sabem que você mora aqui na casa?

- Sabem.

- E você acha que isso não muda nada?

- Não.

- E as professoras, é uma professora só?

- São quatro professoras.

- E elas sabem que você mora na casa?

- Sim.

- E você acha que isso muda alguma coisa? Pra melhor ou pra pior, ou não muda nada?

- Não, não muda nada.

- Tem aula de educação física na escola?

- Tem, aula de educação física bastante.

- E como que é?

- Algumas até que são legais, as outras são muito rigorosas, a professora muito que castiga a gente.

- Mas o que vocês costumam fazer nas aulas de educação física?

- Agora a gente está estudando sobre a capoeira, então não estamos fazendo muitas coisas, só aulas de capoeira, corrida, essas coisas.

- Mas você gosta da aula?

- Gosto da aula.

- Gostaria que fosse diferente?

- Não, tá bom.

- E qual importância que você vê da escola? Qual a importância que a escola tem pra você?

- Ah, a escola me ensinou muita coisa, coisas que eu não sabia quando estava na casa da minha mãe, que eu não estudava, e agora eu sei.

- O que você mais gostou nessa escola? O que você acha que vai sentir falta quando for para a outra escola?

- O carinho das professoras.

- E o que você gostaria de ter mudado ou que mude ainda dessa escola que você está saindo, esta deixando? Queria que alguma coisa fosse diferente, que não tivesse alguém ou que tivesse alguém lá?

- Não tudo está bom pra mim, todos me respeitam, não tem problema que eu more na Fundação Iniciativa.

ANSEIOS

- O que espera pra daqui um ano, por exemplo?

- Bem melhor no colégio, que eu estou mais ou menos e, não sei, talvez trabalhar pra ajudar minha mãe.

- E pra daqui a dez anos?

- Aí pretendo estar na faculdade e me formar em alguma coisa.

- Casar, ter filhos?

- Não.

- Não pretende casar nem ter filhos?

- Não.
- **Namorado então.**
- Namorado sim.
- **E quanto aos estudos pretende estar na faculdade?**
- Sim.
- **Faculdade do quê você gostaria de fazer?**
- Medicina.
- **E quanto à família, biológica, o que você espera para o futuro?**
- Que ele mudem, por que eles discutem demais e um parou assim no tempo, por que estudava e agora parou e o outro parou também. Todos são desempregados, o outro trabalha meio em frete assim, essas coisas.
- **E só você vai voltar ou todos seus irmãos também vão voltar?**
- Todos os meus irmãos vão voltar.
- **E você acha que vocês voltando vai melhorar lá?**
- Vai, por que antes era pior, agora minha mãe está mais calma, faz terapia tudo...
- **E quanto aos amigos que você fez aqui na casa, o que você espera pra daqui a alguns anos?**
- Ah, que eu não vou esquecer deles.
- **Mas espera manter contato? Que a amizade dure?**
- Vou.
- **E quanto aos “pais sociais”, o que você espera deles ou pra eles?**
- Ah, que um dia eu encontre eles, por que eu acho que eu não vou esquecer, vou vir aqui incomodar eles um pouquinho...
- **Vir visitar?**
- É.
- **E você tem um sentimento de gratidão por eles ou acha que eles só estão aqui fazendo o trabalho deles ou que realmente eles gostam de vocês e que não é só um trabalho...**
- Não, eles me ensinaram muitas coisas, tem muita coisa que eu não sabia e agora eu sei. A respeitar, ter carinho, essas coisas...

ANEXO II

ENTREVISTA: DESVINCULADO

IDENTIFICAÇÃO

- Eu tenho treze anos, sexo feminino, estou há três anos aqui na Fundação Iniciativa, pretendo voltar para a casa da minha mãe no final do ano, tenho quatro irmãos comigo morando aqui, de pai e mãe mesmo...

- Você morava aonde antes?

- Em uma outra Instituição e antes de morar na Instituição eu morava com a minha mãe, estudava e trabalhava também.

- Trabalhava com o quê?

- Eu trabalhava ajudando minha mãe a cuidar de crianças.

- E agora você vai morar com a tua mãe de volta?

- Vou morar com a minha mãe.

- E vai trabalhar lá com ela?

- Não, só estudar.

- E a vida que você teve aqui na Fundação Iniciativa como foi? Foi boa, não?

- Foi boa, foi legal, eu nunca vou esquecer.

COTIDIANO DA CASA

- Quantos moram na casa?

- Eu moro com onze crianças e um casal de “Pais Sociais”.

- E você acha bom ter tantos “irmãos” assim?

- Ah, é legal, é divertido, assim a gente não meio fica sozinho, faz brincadeiras todos juntos.

- E qual a idade média das crianças que moram com você?

- É de três a dezoito anos.

- Dezoito?

- Sim.

- Todos esses anos que você passou aqui, todos que moravam com você eram seus amigos, você se dava bem com todos ou não?

- Com todos eles, todos eles são meus amigos.

- E sobre a rotina do dia-a-dia, como que é na hora de dormir, tem hora certa, não tem?

- Tem hora certa de dormir, tem hora de comer, hora de levantar, hora de fazer os afazeres de casa.

- **Mas daí todo mundo faz junto?**

- Todo mundo faz junto, cada um faz uma coisa.

- **Mas, por exemplo, na hora de fazer dever de casa, todo mundo vai só fazer o dever de casa?**

- Vai, faz só o dever de casa.

- **E na hora de dormir vai todo mundo dormir?**

- Sim, tem hora de assistir televisão e tem hora de estudar, tem hora de dormir e tem hora de comer.

- **E hora de acordar?**

- E hora de acordar.

- **Banho também tem hora certa?**

- Hora certa.

- **E aí vai revezando?**

- Sim.

- **Refeições, quantas são no dia mais ou menos?**

- São quatro refeições, café da manhã, almoço, café da tarde e janta.

- **Do que você costumava brincar?**

- Ah, eu brinco de bastante coisas, tem tantas... O que eu mais gosto de fazer é dançar.

- **Então você brinca junto com as outras meninas?**

- Sim.

- **E esportes, você já praticou algum? Nunca praticou? Gostaria de praticar?**

- Eu já pratiquei esportes, já fiz corrida, e agora não estou fazendo.

- **Corrida? Fazia aonde?**

- Aqui mesmo, no colégio.

- **Tem algum que você gostaria de praticar?**

- Tem, natação.

- **E os “Pais Sociais”, a S. e o A., como eles eram? Atenciosos?**

- Atenciosos, carinhosos, dão bastante atenção pra gente.

- **E fora da casa, o que você costuma fazer? Vocês costumam sair?**

- Costumam sair. Quando tão fora de casa ou então fazendo alguma atividade.

- E quando vocês saem fazer atividade ou alguma coisa assim, como que é? Como vocês vão? Quem leva? O que vocês vão fazer?

- A atividade que a gente mais faz é coral, nós estamos cantando agora no coral do HSBC, então, eles pegam a gente e trazem, e a gente sempre sai mais no final de semana.

- Tirando o Coral, vocês saem pra fazer alguma outra coisa?

- Tem o sábado e o domingo que às vezes tem algumas atividades, cinema, festinhas, professores, educadores...

- Igreja?

- Igreja.

- E vem alguém visitar vocês normalmente, que não seja o pessoal que trabalha na fundação. Vem alguém de fora?

- Vem uns colégios visitar as crianças, vem um “cão amigo”, que é um pessoal que faz um trabalho com cachorro.

- E que importância a casa teve pra você nesses anos?

- Nossa muita coisa, tanta coisa, aí... nem sei dizer...

- O que você acha que ela ajudou tua vida? Ou se não ajudou, o que atrapalhou...

- Ajudou bastante, por que eu era uma menina meio desanimada, quieta, agora eu to meio agitada, faço tudo. Por que antes eu era uma menina que não fazia nada. Agora eu faço bastante coisa, trabalho aqui, faço meu serviço doméstico, estudo, por que antes eu não estudava.

- E quanto a sua família biológica, você acha que Fundação ajudou de alguma maneira?

- Ajudou.

- Como ajudou?

- A minha mãe, agora que eu estou aqui eu estou bem melhor, faço terapia. A minha mãe também era muito nervosa, ela também faz terapia, aí... até mudou a vida da minha mãe também, tudo isso.

- Tanto é que você só vai voltar pra casa por que as coisas lá estão melhores.

- Sim.

- E, nesse tempo, o que você mais gostava na casa? Ou ainda gosta?

- Gostava... Era o carinho das “mães sociais”. Por que antes eu não tinha, daí agora... (risos)

- O que você gostaria que fosse diferente aqui na casa?

- Nada.

- Nada?

- Tudo está bom pra mim...

EDUCAÇÃO

- Antes de vir pra cá aonde você estudava?

- Ah... Nossa... Tipo assim, não tinha lugar pra eu estudar, por que a minha mãe vivia se mudando e eu não terminava o ano, então sempre eu mudava de colégio, tantos colégios que eu passei, e lugares...

- Você estava atrasada nos estudos então?

- Sim.

- E hoje em dia, aqui na casa, você estuda aonde?

- Eu estudo no Donatilla.

- Está em que série?

- Quarta.

- De manhã?

- À tarde.

- E quem leva vocês pra escola, quem vai buscar?

- É o nosso motorista, o tio N. que leva e traz.

- O motorista da Fundação?

- Sim.

- Todas as crianças daqui estudam lá?

- Quase todas.

- Tem alguma que estuda em outro colégio?

- Tem, umas que estudam em um colégio e dois que estudam em outro colégio.

- E na escola como é, você tem bastante amigos?

- Tenho bastante amigos, nossa... Bastante amigos...

- E eles sabem que você mora aqui na casa?

- Sabem.

- E você acha que isso não muda nada?

- Não.

- E as professoras, é uma professora só?

- São quatro professoras.

- E elas sabem que você mora na casa?

- Sim.

- E você acha que isso muda alguma coisa? Pra melhor ou pra pior, ou não muda nada?

- Não, não muda nada.

- Tem aula de educação física na escola?

- Tem, aula de educação física bastante.

- E como que é?

- Algumas até que são legais, as outras são muito rigorosas, a professora muito que castiga a gente.

- Mas o que vocês costumam fazer nas aulas de educação física?

- Agora a gente está estudando sobre a capoeira, então não estamos fazendo muitas coisas, só aulas de capoeira, corrida, essas coisas.

- Mas você gosta da aula?

- Gosto da aula.

- Gostaria que fosse diferente?

- Não, tá bom.

- E qual importância que você vê da escola? Qual a importância que a escola tem pra você?

- Ah, a escola me ensinou muita coisa, coisas que eu não sabia quando estava na casa da minha mãe, que eu não estudava, e agora eu sei.

- O que você mais gostou nessa escola? O que você acha que vai sentir falta quando for para a outra escola?

- O carinho das professoras.

- E o que você gostaria de ter mudado ou que mude ainda dessa escola que você está saindo, esta deixando? Queria que alguma coisa fosse diferente, que não tivesse alguém ou que tivesse alguém lá?

- Não tudo está bom pra mim, todos me respeitam, não tem problema que eu more na Fundação Iniciativa.

ANSEIOS

- O que espera pra daqui um ano, por exemplo?

- Bem melhor no colégio, que eu estou mais ou menos e, não sei, talvez trabalhar pra ajudar minha mãe.

- E pra daqui a dez anos?

- Aí pretendo estar na faculdade e me formar em alguma coisa.

- Casar, ter filhos?

- Não.

- Não pretende casar nem ter filhos?

- Não.
- **Namorado então.**
- Namorado sim.
- **E quanto aos estudos pretende estar na faculdade?**
- Sim.
- **Faculdade do quê você gostaria de fazer?**
- Medicina.
- **E quanto à família, biológica, o que você espera para o futuro?**
- Que ele mudem, por que eles discutem demais e um parou assim no tempo, por que estudava e agora parou e o outro parou também. Todos são desempregados, o outro trabalha meio em frete assim, essas coisas.
- **E só você vai voltar ou todos seus irmãos também vão voltar?**
- Todos os meus irmãos vão voltar.
- **E você acha que vocês voltando vai melhorar lá?**
- Vai, por que antes era pior, agora minha mãe está mais calma, faz terapia tudo...
- **E quanto aos amigos que você fez aqui na casa, o que você espera pra daqui a alguns anos?**
- Ah, que eu não vou esquecer deles.
- **Mas espera manter contato? Que a amizade dure?**
- Vou.
- **E quanto aos “pais sociais”, o que você espera deles ou pra eles?**
- Ah, que um dia eu encontre eles, por que eu acho que eu não vou esquecer, vou vir aqui incomodar eles um pouquinho...
- **Vir visitar?**
- É.
- **E você tem um sentimento de gratidão por eles ou acha que eles só estão aqui fazendo o trabalho deles ou que realmente eles gostam de vocês e que não é só um trabalho...**
- Não, eles me ensinaram muitas coisas, tem muita coisa que eu não sabia e agora eu sei. A respeitar, ter carinho, essas coisas...

ANEXO III

ENTREVISTA: MÃE SOCIAL

- Idade?

- 43.

- Sexo.

- Feminino.

- Função?

- “Mãe Social”.

- Como que foi, teve algum curso pra trabalhar aqui, era exigido alguma escolaridade, ou alguma coisa assim?

- É, eu não fiz um curso, eu só passei por uma seleção, entrevista com psicólogo tanto eu como meu marido, os filhos biológicos que estavam aqui, então a gente passou por essa seleção pra ver se a gente tinha o perfil pra conseguir dar um bom atendimento pra essas crianças.

- Há quanto tempo que você está trabalhando na casa?

- Vai fazer cinco anos.

- E antes de trabalhar na casa o que você fazia?

- Eu sempre trabalhei com crianças, trabalhei em creches, escolas, trabalhei no conselho tutelar. Trabalhei um bom tempo, três anos no conselho tutelar, como conselheira tutelar, então eu sempre tive essa vontade de trabalhar com as crianças por que lá a gente trabalhava com os pais, e eu queria ver a outra realidade, o sair da família e vir para uma outra casa então, eu tive essa vontade, esse desejo, e graças a Deus estou realizando esse sonho.

- E pretende ficar por alguns anos?

- É a minha meta é ficar até chegar o limite, quando eu ver que já não dá mais, por que aqui precisa de um esforço grande, a gente tem que estar com o psicológico bem pra gente conseguir fazer um bom trabalho se não, não consegue.

- Você tem filhos?

- Tenho dois que moram na casa.

- Tem mais fora?

- É tenho quatro, dois casados e dois solteiros.

- Os que moram na casa que idade tem?

- Onze e dezoito.

- E, como que surgiu essa oportunidade de trabalhar na casa?

- É, através do meu trabalho mesmo, no conselho. Pelo conselho tutelar que eu trabalhava, eu levava as crianças até as casas-lar, eu retirava as que estavam sendo

abusadas e todos os tipos de violência. Então eu trazia as crianças na casa e ficava assim com o meu coração: será que eles estão bem? Então eu fiquei com aquela vontade de fazer além daquilo, por que as vezes eu ia dormir e pensava: como que está aquela criança, será que está sendo bem cuidada por que eu tirei da mãe e levei pra uma outra casa, será que está sendo bem cuidada? Então eu sempre tive essa vontade de ver o outro lado.

- No começo tinha muita dificuldade?

- No começo a gente tem que estar bem preparado. Todo começo é um trabalho diferente, por que quando eu trabalhava em escola e creche eu vinha pra minha casa e ficava o trabalho e aqui é tudo junto, família, trabalho, então até a gente acostumar. É uma mudança então a gente tem que estar se adaptando.

COTIDIANO DA CASA

- Quantos moram em média?

- Agora a gente está em quatorze, são dez crianças e mais nós quatro.

- Você considera todos como filhos?

- Eu considero, por que a gente aprende a gostar deles como se fosse filho. Eu sempre falo, tem os filhos biológicos e os filhos do coração e a gente acostuma tanto que os que foram adotados, que foram pra Itália, é mesma coisa que filhos, a gente sente né? A gente pega um vínculo muito forte com eles. Então sempre que tem curso a gente sempre fala para os psicólogos, para as pessoas que ajudam a gente no dia-a-dia, que as mães, pra sair de casa como aconteceu comigo, tem que estar preparada, não só as crianças a mãe também, por que o emocional da gente abala.

- É bom ter tantos filhos assim?

- Ah, é bom, eu já acostumei tanto que quando eu saio de férias eu levo uns quinze dias pra eu me desligar aqui da casa. Eu fico meio assim... Sono, comida, é pra fazer menos eu faço baste por que já estou acostumada aquela rotina...

- E a idade média das crianças da casa?

- De quatro a quatorze.

- Você apresenta algum problema de relacionamento com alguma criança?

- Não. Problemas todos têm, mas a gente sempre consegue achar uma solução pra resolver. Nada que não seja resolvido. É uma família normal, tem conflito, tem dia que passa uma maravilha e tem dia que um não pode olhar pro outro que já estão discutindo.

- E como é a relação dos seus filhos com as crianças da casa?

- É boa. No começo foi difícil porque o menor era pequeno e tinha ciúmes, mas agora já acostumou.

- Eles não se cansam de ficar aqui?

- Não, pelo contrário. Já aconteceu de o "L" estar de aniversário e eu tava de folga, aí nós estávamos na casa alugada, e falei que ia comprar um bolinho pra nós quatro, e perguntei o que ele achava, ele disse: "Não, compra um bolo maior e nós

vamos lá na casa comer com as crianças. Parabéns sem as crianças não tem graça”.

- E tem alguma distinção entre eles e as crianças da casa?

- Não, é tudo igual! (...) Se o “L” faz algo errado também vai pra disciplina, a gente tira a televisão por um tempo, igual a gente faz com os outros. Pra eles verem que não têm prioridade. Porque a gente tem que educar tudo igual, não é porque é meu filho que eu vou deixar fazer o que quer, aí eu não vou estar educando o meu filho.

- Tem algum funcionário na casa?

- Não. Uma vez na semana só que eu tiro folga, aí vem outra mãe substituir.

- Fora isso não tem outro funcionário?

- Não.

- Só o pessoal da fundação que vem de fora?

- É daí vem assistente social o psicólogo se é preciso, se é necessário aí elas vem.

- Então a folga é uma vez por semana, e vem outra mãe?

- Sim.

- No dia-a-dia como que é na hora de dormir, tem hora certa?

- Tem, por que eles acordam muito cedo. Antes das seis eu tenho que acordar por que é muita criança, e tem uns que precisa dar banho, arrumar e tem que tomar café, todos têm que tomar café. Então eles levantam no máximo seis horas, tem que acordar todos e já colocar pra se arrumar, por que seis e meia já tem que tomar café por que um pouquinho antes das sete já chega a combi pra levar, aí já leva todo mundo, quem vai pro psicólogo, quem vai pra escola, é como quartel tem ta... Queira ou não tem que pegar essa rotina e daí eles tem que dormir cedo também por que se não eles vão dormir lá na escola.

- Então praticamente todas as coisas têm uma hora meio que certa?

- Tem e se você sair daquela rotina aí já perde o controle. Então tem que ter horário pra dormir, horário pra levantar, horário pra almoçar, tudo tem que ser a hora certa por que se não chega o motorista buzina ali e não tem criança arrumada, não ta almoçada, vira uma bagunça.

- E as refeições, elas já me falaram que são quatro no dia, quem prepara é você?

- É eu.

- E cardápio?

- Cardápio tem.

- A Fundação indica?

- É tem uma nutricionista contratada por que agora foi exigido pelo Ministério Público um cardápio então a Fundação contratou uma nutricionista que fornece um cardápio em todas as casas.

- E as mães realizam alguma atividade dirigida para as crianças? Tem alguma atividade que vocês são obrigadas a desempenhar?

- Não, com as crianças não. Só a rotina, atender eles. Eu a única atividade que eu me envolvo um pouquinho com algumas crianças é na organização da casa.

- Mas alguma brincadeira?

- É de vez em quando.

- Por que não tem muito tempo?

- Não tem tempo por que quando as vezes eu fico com uma ou duas crianças daí vai pra psicólogo, terapia, brincoteca (*brinquedoteca*), tem curso, vai pra escola, as vezes é chamado pra juizado, tem reunião com a família. Então é pouco tempo que a gente tem pra brincar mesmo com eles e aí quando chegam a mãe está correndo pra lá e pra cá... Não tem tempo...

- E as atividades fora da casa, o que vocês costumam fazer, com que frequência, onde costuma ir, quem leva, se você sempre vai junto, não vai?

- É sempre a Kombi, como agora eles estão bem envolvidos com o Coral do HSBC, então está assim todo vapor, o ônibus leva estão tendo atividades, as casas-lar também estão tendo uns cursos pelo HSBC, com psicólogo e as crianças também estão tendo médico, tem várias atividades que estão sendo oferecidas pelo HSBC. Então agora esse ano está melhor que os outros. Eu sempre falava que as crianças têm que ter uma atividade por que eu acho que eles têm muita energia. Eu sempre nos cursos eu falo que essas crianças precisam extrapolar essa energia, por que você vê uma criança lá no sítio ele corre, anda a cavalo, sobe em árvore eles gastam a energia e aqui é pouca coisa. O pátio é pequeno pra tantos, então ele não tem aquele espaço. Como tem o R. quando eu vejo que ele está muito... eu falo pra ele vamos correr um pouco, eu sinto que ele cansa, por que ele está muito agitado, bate em um bate em outro, então eu acho que eles tinham que ter mais atividades físicas, por que antigamente as crianças não tinham tanto problema assim emocional, alguma agressão, crianças revoltadas, eles gastavam muita energia e os meus ainda que eles jogam bastante bola.

- E quanto a visita vem alguém visitar, parente teu, voluntário, funcionário da Fundação, vem bastante gente de fora?

- Parente meu é só meu filho casado, que é lá de vez em quando, se não tem muito, os parentes a maioria trabalham. Voluntário é lá de vez em quando, esse ano não tem muitos, mas já teve muitos voluntários aqui que fizeram um bom trabalho com as crianças, o pessoal da Puc fizeram alguns trabalhos. E da Fundação também vem o pessoal tem agora um "TO", ele é formado em teologia ele faz atividades e brincadeiras uma vez na semana ele vem, ele brinca mesmo com as crianças, tem tempo....

- E como que é o reconhecimento das crianças pelo teu trabalho, ou eles não vêem como um trabalho?

- Eles vêem, eles são bem gratos e percebem quando a gente está assim pra baixo sabe, eles fazem cartinha, eu tenho várias cartinhas, agradecendo desde a comida, o carinho, ai que bom que você apareceu na minha vida, então eles agradecem mais

do que certos adultos. Eles sabem agradecer, o que não pode falar eles fazem cartinhas.

- E qual a importância da casa pra essas crianças?

- Ah, eu acho que a casa é bem importante, é uma família, se bem que a família é tudo. É lamentável que eles não possam estar com a família mas aqui o que a gente pode fazer pra eles a gente faz e a gente tenta fazer o melhor por que eu acho que é muito importante. Até teve uma situação de um menino que ele ficou aqui uns quatro ou cinco meses, ele morava com a avó e a avó não levava ele pra escola, ele tinha um irmãozinho eles eram muito judiados, a avó judiava muito. Aí ele ficou aqui, a gente levava ele pra Igreja, coloquei ele na catequese, ele não faltava à aula. Então ele começou a falar assim: “como eu gosto daqui” e nesses quatro meses ele já começou a chamar nós de “pai e mãe”. Aí ele começou a receber visita desse avô e dessa avó, aí ele falou pra mim assim: “Eu pensei que o meu vô ia ficar com ciúmes de eu chamar vocês de ‘pai’ e ‘mãe’”. Aí eu perguntei: “o que ele falou?” E ele respondeu: “Ele falou que é bom, assim tem mais respeito!”. Aí um dia foi chamado para ir na Juíza, aí ele falou: “Eu vou! Minha avó quer me levar, só que eu vou falar pra juíza que eu vou só com uma condição: a minha avó e meu avô tem que me dar tudo o que a casa-lar está me dando. Eu estou indo pra escola, eu como na hora certa, estou indo pra Igreja, estou indo pra catequese, eu estou tão bem aqui que a minha avó, se ela quer me levar ela, vai ter que me dar tudo o que tenho aqui!”. Então eu acho que a criança, ela gosta de alguém que proteja e que não explore. Então acho que eles reconhecem, a maioria deles reconhecem o trabalho.

- O que você mais gosta na casa?

- Eu gosto dessa troca deles, é o que eu mais gosto. Por que a gente é ser humano tem hora que a gente fica meio pra baixo e de repente eles vêm com as cartinhas e erguem a gente lá em cima e a gente pega o ânimo. Então é uma troca muito boa e eles valorizam o trabalho da gente.

- Se pudesse mudar alguma coisa na casa, no sistema da casa, enfim, o que você gostaria de mudar se pudesse?

- Ah, agora não sei o que eu poderia mudar... Ah eu queria, se eu tivesse condições, um dia ter uma casa cheia de crianças também, ser uma casa pra mim, ter bastante filhos e cuidar deles como se fosse uma família única

EDUCAÇÃO

- Você acompanha a vida escolar das crianças?

- Agora eles têm uma pedagoga, mas antes eu acompanhava.

- Pedagoga da Fundação?

- Sim, eles contrataram uma pedagoga então ela que está vendo essa questão, mas sempre eu procuro me integrar, eu não consigo ficar de fora por que o que a criança me traz eu acho que a gente tem que participar. Tem que estar sempre atento por que criança traz muita coisa pra gente que tem que ajudar.

- Auxilia as crianças nas tarefas?

- Auxílio. Eu tenho estipulado sempre um horário pra eles fazerem, quem é de manhã tem no máximo uma hora pra fazer a tarefa, se está ligada a televisão eu vou e desligo, é sagrado. E a tarde também é estipulado um horário para eles fazerem a tarefa. E quem tem dificuldade eu tenho que largar tudo e ir ajudar.

- E quando é uma tarefa que você não sabe como explicar?

- Aí eu passo pra pedagoga como trabalhos, que precisam de mais tempo, aí meu tempo é escasso, então eu peço pra ela me ajudar. Quando não tinha pedagogo eu pedia pra alguém que tivesse mais tempo e pudesse acessar a internet e pesquisar, aí vem e ajuda.

- Quando tem apresentação das crianças nas escolas que os pais tem que ir, você costuma ir?

- Eu ia, até o dia dos pais eu fui. Elas me perguntaram se eu queria ir e eu disse que fazia questão de ir. Por que eu acho muito importante e quando eu entrei aqui as outras mães não davam muita importância lá da escola. Aí tinha um menino que dizia, na escola, que tinha mãe e os amiguinhos dele diziam que não, aí um dia eu fui na escola, a primeira vez que eu fui lá, ele chamou os amiguinhos e disse pra eles : "Olha aqui, você duvidou que eu tinha mãe, olha aqui a minha mãe!". Ai, mas eu me senti tão orgulhosa! Pra você ver como é importante. Por que as crianças da Fundação são um pouco discriminadas pelos amiguinhos na escola, eu percebo pelo o que as elas me trazem, não sei se são os pais ou o quê? Mas eu percebo um pouco de discriminação.

- E as professoras sabem da tua situação com as crianças, sabem que você é "mãe social". E você acha que a relação delas com você muda?

- Muda, por que teve uma situação de um menino que ele era bem discriminado pela professora e depois que eu comecei a ir lá a professora começou a tratar ele melhor. Dá a impressão que pensam: "Ah, não tem ninguém mesmo!". Então já aconteceu de uma criança que fazia tratamento psicológico, e em uma reunião a psicóloga fez umas perguntas e ele respondeu assim:

- Eu não gosto da professora porque ela não gosta de mim!

- Por que a professora não gosta de você? Quem sabe porque ela ainda não te adotou, como professora. Eu te adotei, como psicóloga. A "S" te adotou como mãe social.

Então quando eu cheguei na escola, bem naquele dia teve reunião, ela (*professora*) perguntou:

- O que que ele tem que ir na psicóloga?

E descarregou tudo naquela criança, e eu só ouvindo, me deu até um nó na garganta! Então ela perguntou o que a psicóloga falou. Aí parece que um anjo da guarda me falou, e eu falei assim:

- Ela falou que eu adotei ele, como mãe social. Ela adotou, como psicóloga. E você não conseguiu ainda adotar, como professora.

Na hora aquela mulher ficou branca, acabou assim... Então, depois, ela começou a mudar, tratar ele melhor e o menino mudou. Resolveu o problema! E se eu não fizesse isso a criança ia ser o quê? Hoje, graças a Deus ele foi adotado, tá na Itália. O menino mudou, ele não queria saber, tarefa ele não queria fazer nenhuma, ele odiava aquela escola, odiava tudo, e mudou. Você veja o que é o

tratamento, não saber lidar. A professora às vezes tem que levar um puxão de orelha pra mudar o jeito de tratar a criança.

- Que importância você vê na escola para as crianças que estão aqui?

- Acho que a escola é uma continuação da casa né, da família. A gente dá a base e lá na escola é a continuação. Não é a escola que tem que dar a educação e sim nós. Só que eles têm que dar continuidade.

- O que você gostaria de mudar na escola, se pudesse?

- Eu, sempre que ia em reunião, falava pra professora, pedagoga que a criança na sala não precisa ser tratada como coitadinha. Elas são crianças, são seres de direitos iguais. Porque tem professor que exagera né: “Ai coitadinho, foi abandonado!” Não pode tratar a criança assim desse jeito. Crianças tem que ser tratadas todas iguais.

- Às vezes esse comportamento diferente acaba destacando a criança e a criança fica envergonhada.

- Destaca e as crianças não querem. Eu percebo com as meninas daqui que são adolescentes, elas sentem vergonha, sei lá o que acontece nessa idade né. De repente, a escola expõe muito eles: “Ah são lá da casa-lar”, até os próprios pais que levam os filhos dizem: “você é assim porque é da casa-lar”. Mas não é, criança é tudo criança, não tem diferença! Eu acho que as escolas tinham que rever isso aí.

ANSEIOS

- O que você espera do futuro, por exemplo, daqui um ano?

- Não sei, daqui um ano... Acho que o que a gente tá fazendo com essas crianças é uma sementinha que a gente quer que germine: o bem, só o bem! E que essas crianças tenham um final feliz. A gente tá trabalhando para que tenham uma educação boa, aqueles que vão voltar pra família que tenham a família bem preparada pra receber eles.

- E pra daqui uns dez anos?

- Ah, daqui uns dez anos... Eu quero ver os frutos deles. Eu gostaria assim que, eu até falo sempre, esses que saíram, visitar. Quem sabe reunir eles pra ver como que tá a vida deles, porque assim, a gente se preocupa com o futuro deles. Quem sabe ajudar, a minha vontade é ajudar eles, que tenham uma vida tranquila, tenham uma estabilidade.

- E pra sua família, o que você espera, independente de estar ainda aqui na casa ou sair?

- Eu sempre pensei em ter a família unida. Eu nunca fui a favor de família desunida: pai separado da mãe, filho abandonado. Então eu sempre penso em estar junto dos filhos e dos netos. Meu sonho é estar junto da família e ajudar os que mais precisam. Eu sempre falo para os meus filhos: “A gente precisa ajudar os que mais precisam, pra gente ter uma recompensa mais tarde.”

- Ta ok “S”, obrigado pela entrevista. Acredito que vai ajudar muito para o meu trabalho e também para que quem um dia vier trabalhar com as crianças, para que possa estar mais preparado.

- É... porque se a pessoa não estiver bem preparado nem venha. Porque aqui, muita gente pensa: “É um trabalho!”. Não é trabalho, aqui é mais do que uma missão! Se vir como um trabalho, você não ganha como um trabalho. É um propósito que a gente tem que levar até o fim pra não prejudicar ninguém, nem eu, nem as crianças.

ANEXO IV



Ministério da Educação
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor de Ciências Biológicas
Departamento de Educação Física



Curitiba, 31 de outubro de 2008.

Senhora Diretora,

Venho pela presente solicitar a PERMISSÃO para que o acadêmico NILSON COCHINSKI, meu orientando possa aplicar entrevistas aos assistidos e funcionários de sua prestigiosa instituição.

Esclareço que os dados coletados não serão divulgados fora do âmbito acadêmico e as individualidades dos entrevistados será preservada em consonância com o Código de Ética de Pesquisas da Universidade Federal do Paraná.

Certos de poder contar com sua prestigiosa colaboração agradecemos antecipadamente.

Prof. Dr. Sérgio Luiz Carlos dos Santos
Chefe do Departamento de Educação Física

A Exma. Sra Diretora da
FUNDAÇÃO INICIATIVA
NESTA